

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ - FADIC
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

JORGE JOSÉ PINTO DE MELO

**DA GEOPOLÍTICA CLÁSSICA AO REALISMO POLÍTICO: a expansão
territorial alemã – de 1919 até 1945.**

RECIFE

2016

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ - FADIC
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

JORGE JOSÉ PINTO DE MELO

**DA GEOPOLÍTICA CLÁSSICA AO REALISMO POLÍTICO: a expansão
territorial alemã – de 1919 até 1945.**

.

Monografia apresentada à Faculdade Damas da Instrução Cristã - FADIC, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientado por: Prof.^a Jeanete Viegas

RECIFE

Melo, Jorge José Pinto de.

Da geopolítica clássica ao realismo político: a expansão territorial alemã – de 1919 até 1945. / Jorge José Pinto de Melo. – Recife: O Autor, 2016.

76 f.

Orientador(a): Prof^ª. Jeanete Viegas .

**Monografia (graduação) – Faculdade Damas da Instrução Cristã.
Trabalho de conclusão de curso, 2016.**

Inclui bibliografia.

1. Relações Internacionais. 2. Expansionismo. 3. Geopolítica. 4. Espaço vital.

I. Título.

**327 CDU (2.ed.)
327 CDD (22.ed.)**

**Faculdade Damas
TCC 2016-453**

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ - FADIC
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

DA GEOPOLÍTICA CLÁSSICA AO REALISMO POLÍTICO: a expansão territorial alemã – de 1919 até 1945.

Monografia apresentada à Faculdade Damas da Instrução Cristã - FADIC, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Aprovado em: ____/____/____

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. M^a Orientadora: Jeanete Viegas
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC

Prof. Dr^o. Pedro Cavalcante
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC

Prof. M^o Maurício de Albuquerque Wanderley
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC

Dedico este trabalho aos meus parentes mais próximos, minha mãe, meus irmãos e ao meu pai que não mais se encontra entre os vivos, mais foi um grande apoiador dessa minha empreitada acadêmica, Minha gratidão.

“Os fins justificam os meios”
Nicolau Maquiavel

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus nosso Pai maior, pois com o seu amor e sua bondade, faz com que todos nós possamos ultrapassar os desafios que nos são impostos no dia a dia. Tendo fé, tudo podemos e tudo conseguiremos neste mundo. Uma vez assistindo a um filme épico chamado, Ben Hur observei que a Fé é tudo, com ela conseguiremos qualquer coisa, mesmo que, forças negativas conspiram para desviarmos do caminho que Deus nos trilhou. Muito obrigado primeiramente a Deus nosso Pai maior.

Agradeço aos meus pais na terra, Nilson Melo e Carmem Lucia Pinto de Melo, e meus sogros, Henry Farias e Elba Bandeira, pois foram grandes incentivadores desse meu feito. Obrigado de todo meu coração pela compreensão, que foi me dada, nos momentos de grande dificuldade que passei no decorrer de todo o curso, dedico esta formatura com todo amor a vocês.

Agradeço também a minha orientadora Jeanete Viegas, pela qual tenho uma grande admiração por sua competência profissional e pela paciência com meus erros. O meu sincero agradecimento, mas como já foi dito por alguém, é errando que se aprende.

Aos meus verdadeiros amigos de turma, que me ajudaram muito com tarefas quase para mim impossíveis de serem realizadas, como os trabalhos em grupo que fizemos, os estudos noite afora, e a uma paciência para explicar questões que um quase meio século, às vezes tinha grande dificuldades de absorver. O meu grande obrigado.

Também gostaria de agradecer a Margarida Bandeira, uma pessoa especial que doou parte de seu tempo para ajudar-me na escrita e melhor compreensão da monografia em questões de português.

Por fim, a minha mulher Adriana Bandeira que amo de coração, e que está sempre ao meu lado incentivando, e me dando, a sua força, pois sem ela não poderia ter consolidado este curso de graduação. Ela sempre me motivou e acreditou na minha capacidade. A perseverança fez parte do seu discurso ao longo desses anos. Muito, mas muito mesmo, obrigado.

RESUMO

Esta monografia tem como principal objetivo apresentar uma linha analítica de como se forjou a expansão territorial alemã, no pós I Guerra Mundial, a partir de pressupostos teóricos. Tem como princípio inferir em que medida a Teoria Geopolítica Clássica estabelece conexões com o Realismo Político, criando as bases de sustentação na pretensa busca pela expansão máxima do território alemão. A problemática do trabalho se restringiu às linhas de pensamentos dos atores desse cenário ideológico, buscando identificar os elementos basilares para legitimar as ações políticas decorrentes do processo de expansão territorial. Para melhor entendimento e credibilidade das pesquisas realizadas neste trabalho, buscou-se autores como: Aroldo Azevedo, António Marques e Dias Bessa, Cecilia Quintana Binimelis, Paul Claval, Thales Castro, Terezinha de Castro, entre outros expoentes do tema em questão, autores esses que muito ajudaram nessa busca de entendimento e clareza da Teoria do Espaço Vital, bem como da Teoria da Superioridade Racial, apresentadas como justificativas para a política imperialista de Adolf Hitler.

Palavras-chaves: Expansionismo, Geopolítica, Geografia Política, Espaço Vital (“*Lebensraum*”), Teoria da Raça Pura, Ideologia Política e Realismo Político.

SUMMARY

This monograph has as main objective to present an analytical line like forged German territorial expansion, after World War I, from theoretical assumptions. Principle is to infer the extent to which the Classical Geopolitical Theory establishes connections with the Political Realism, creating support bases in the so-called quest for maximum expansion of German territory. The problem of work was restricted to the thoughts of the actors of this ideological scenario, trying to identify the basic elements to legitimise political actions arising from the process of territorial expansion. For better understanding and credibility of research conducted in this study, we sought to authors such as: Aroldo Azevedo, António Marques and Bessa, Cecilia Quintana Binimelis, Paul Claval, Thales Castro, Terezinha de Castro, among other exponents of the theme in question, these authors that really helped to understand that the pursuit of understanding, clarifying the theory of living space as well as the theory of Racial Superiority , presented as justification for imperialist policy of Adolf Hitler.

Keywords: Expansionism, geopolitics, Political Geography, living space ("*Lebensraum*"), Pure theory, Political Ideology and Political Realism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. GEOGRAFIA POLÍTICA OU GEOPOLÍTICA?	16
1.1 A TEORIA DO PODER TERRESTRE	22
1.2 A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO DE UM ESTADO IMPERIALISTA	27
2. O REALISMO POLÍTICO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	35
2.1 O REALISMO CLÁSSICO E SUA PREOCUPAÇÃO, A RESPEITO DA SOBREVIVÊNCIA DO ESTADO	42
3. A IDEOLOGIA DO “ESPAÇO VITAL” E RAÇA SUPERIOR	46
3.1 ALINHAMENTO IDEOLÓGICO SOBRE ESPAÇO VITAL: KARL HAUSCHOFER & ADOLF HITLER	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFRÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73

LISTA DE FIGURAS E FOTOS

FIGURAS

Figura 1: Mapa do mundo segundo Halford J. Mackinder	24
--	----

FOTOS

Foto 1: Comício do Partido Nazista em Nuremberg no ano de 1943. Hitler subindo para a tribuna de orador	62
Foto 2: Tropas Alemãs atravessam o rio Remo em Colônia no ano 1936	63
Foto 3: Invasão dos alemães na região da Renânia em 1936	63
Foto 4: Assinatura do Acordo de Munique em setembro de 1938	64
Foto 5: Ocupação da Tchecoslováquia pela Hungria após Acordo de Munique em outubro de 1938	64
Foto 6: Alemães derrubam os postos de fronteiras que separavam Alemanha da Tchecoslováquia em março de 1939	65
Foto 7: Marcha da tropa alemã em Praga durante a ocupação de 15 de março de 1939	65
Foto 8: Entrada das tropas alemãs em Praga em de 15 de março de 1939	66
Foto 9: Entrada das tropas alemãs em Praga em de 15 de março de 1939	66
Foto 10: Nascimento do Protetorado no castelo de Hradčany em Praga 16 de março de 1939	67
Foto 11: Avanço das Tropas alemãs nos primeiros dias de campanha nas estradas da Polônia em setembro de 1939	67
Foto 12: Retirada da Barreira da Fronteira Germano-Polonesa em setembro de 1939	68
Foto 13: Visita de Hitler com seu Estado-Maior ao Front em setembro de 1939	68
Foto 14: Entrada de Hitler em Danzig em setembro de 1939	69
Foto 15: Reunião de soldados alemães em uma praia da costa da Noruega em após desembarque em 9 de abril de 1940	69
Foto 16: Alemães cruzam uma cidade da Bélgica em maio de 1940	70
Foto 17: Bombardeio em Roterdã em 14 de maio de 1940, apesar da solicitação das tropas de suspensão da operação por causa da eminente rendição da Holanda	70
Foto 18: Desfile das Tropas Alemãs em Paris em junho de 1940,	71
Foto 19: Visita de Hitler a Paris 14 de maio de 1940	71
Foto 20: Alemães cruzam uma cidade da Bélgica em maio de 1940	72

LISTA DE SIGLA

EUA - Estados Unidos da América

KFPI - Capitais de Força-Poder-Interesse

NSDAP - Nazional Sozialistische Deutsche Arbeiter Partei

OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte

INTRODUÇÃO

Neste trabalho será analisado de que forma os pensamentos de teóricos, como Friedrich Ratzel e Karl Haushofer influenciaram a geoestratégia expansionista na Alemanha nazista; contextualizando os momentos em que as ideias de Ratzel e Haushofer são passadas da teoria à prática, pois se procura afirmar que a política do III *Reich* nada mais foi do que uma releitura da política do império alemão, o que afirma a influência, ainda que alusão, da ideologia de Ratzel nos planos de conquista do “*Lebensraum*”, (Espaço Vital), por Hitler. Pesquisas foram feitas para se estabelecer as diretrizes teóricas de Ratzel e Haushofer que embasaram princípios ideológicos sobre a doutrina do expansionismo Nazista.

Sobre a análise e pesquisa das principais teorias expansionistas do Nazismo, feito pelos teóricos mais confiáveis da época, buscou-se identificar quais as bases ideológicas, que Adolf Hitler introduziu na política expansionista da Alemanha no período da I Guerra Mundial entre 1919/1939.

A Alemanha no final de 1919 perdeu regiões de suma importância, assim como foi obrigada a pagar uma indenização aos países vencedores e reduzir seu contingente militar para 100 mil soldados, devido ao acordo assinado no fim da Primeira Guerra em 1918; e que gerou uma crise profunda na sua sociedade, que seria também definida pela queda da bolsa estadunidense.

Esse ambiente de pós-guerra proporcionou o surgimento de várias teorias e conceitos, tais como superioridade racial e a geopolítica dos estados crescentes, definidas pelo geógrafo alemão Ratzel.

Este teórico forneceu, um verdadeiro programa de governo para uma nação imperialista, com relação à expansão territorial, pois associava o crescimento do estado à expansão de seu povo.

Ratzel realizou a obra que, ainda hoje, influencia consideravelmente a geografia humana: sua antropogeografia estaria estreitamente ligada à sua geografia política, retomando inúmeros conceitos ratzeanos, tal como o *Lebensraum* ou (espaço vital), em alemão, e outros conceitos como dos geógrafos americanos e alemães Mackinder, e Haushofer que fizeram uma leitura detalhada sobre a nova geografia mundial, que se estabelecia na segunda metade da primeira guerra mundial, foi um impulso decisivo à Geopolítica Mundial em um novo cenário Internacional. Dentro dessa perspectiva científica, numerosos geógrafos consideraram que haveria uma grande aproximação entre a Geografia “científica” e a iniciativa do general

Mackinder, com ligações estreitas aos dirigentes do NSDAP (Nazional Sozialistische Deutsche Arbeiter Partei). A Geopolítica hitleriana foi a expressão mais exacerbada da função política e ideológica que pode ter a Geografia. Pode-se mesmo perguntar, se a doutrina do Führer não teria sido largamente inspirada pelos raciocínios de Haushofer, pois de tal forma eram estreitas as relações, particularmente a partir do século XX, época em que Hitler escreveu o seu livro, “*Mein Kampf*”, (Minha Luta), na prisão em Munique.

De acordo com Azevedo (1955), suas ideias percebiam no estado uma emanção natural da sociedade, destinada à defesa e expansão do território, enquanto suas leis de expansão espacial dos estados, que concebem o processo civilizatório em termos de crescimento territorial, funcionaram como justificativa teórica para o movimento de unificação alemã, empreendida através de guerras sucessivas e anexações territoriais.

A unificação tardia da Alemanha não impediu um relativo desenvolvimento interno, contudo deixou de fora da partilha dos territórios coloniais o que alimentava um expansionismo latente e aumentava com o próprio desenvolvimento interno. Daí vem o agressivo projeto imperial, o propósito constante de anexar novos territórios. Ratzel veio a ser um representante típico do intelectual engajado no projeto estatal, e sua obra propôs uma legitimação do imperialismo bismarckiano. Assim, a Geografia de Ratzel expressou diretamente um elogio do imperialismo semelhante à luta pela vida, cuja finalidade básica é obter espaço e as lutas dos povos são quase sempre pelo mesmo objetivo.

Ratzel definiu o objeto geográfico como o estudo da influência que as condições naturais exercem sobre a humanidade. Estas influências atuariam primeiro na fisiologia (somatismo) e na psicologia (caráter) dos indivíduos e, através destes, na sociedade. Em segundo lugar, a natureza influenciaria a própria constituição social, pela riqueza que propicia através dos recursos do meio em que está localizada a sociedade, atuando também na possibilidade de expansão de um povo em novos territórios outrora ocupados por outros grupos de pessoas ou raça.

O general alemão Haushofer foi, na realidade, quem popularizou a ideia da geopolítica, devido às circunstâncias fixadas na época; ele teria (ligações, embora problemáticas, com o nazismo e possível contribuição indireta para a obra *Mein Kampf*, de Hitler), tornando-a tristemente famosa nos anos 1930 e 1940, em especial através de sua revista de geopolítica *Zeitschrift für Geopolitik*, (Revista de Geopolítica) que foi editada em Munique de 1924 a 1944, que começou com três mil exemplares e chegou a atingir a marca dos trinta mil que fora, algo bastante expressivo para a época.

A análise da geopolítica desenvolvida no espaço geográfico alemão é, em primeiro lugar, consequência da derrota de 1918, do Tratado de Versalhes. Para os cientistas políticos alemães e, portanto também para os geógrafos, tratava-se sempre de elaborar as ferramentas de um saber adaptado, que ajudariam a Alemanha a obter o lugar, a que tinha direito na Europa, e no mundo. Assim, objetivou-se ultrapassar a Geografia Política de Ratzel e pôr no seu lugar a Geopolítica de Haushofer.

Na distinção de Haushofer, a geografia política interroga-se sobre a distribuição do poder estadual no espaço, bem como sobre o seu exercício nesse espaço, enquanto a Geopolítica tem por objeto a atividade política em um espaço natural. A Geografia Política observa as formas do ser estadual, enquanto a Geopolítica se interessa pelos processos políticos do passado e do presente. Dessa maneira, Haushofer fala que é grande o sentimento de expansionismo no que diz respeito à pré-guerra.

Haushofer formula uma interrogação para entendermos o cenário ideológico da época: qual é o lugar justo da Alemanha no mundo? Para ele, só o expansionismo traria de volta a glória de uma Alemanha, massacrada pelo inconveniente evento mundial que foi a 1ª Guerra mundial. Voltaria ao ponto de partida onde a Alemanha dos tempos remotos seria incontestavelmente superior. Entretanto para isso acontecer, suas ideias seriam recriadas por uma pessoa, um homem cuja ideologia impar de uma nação forte, estaria á espreita esperando só uma oportunidade para atacar. Este homem foi Hitler, um austríaco rebelde, que tinha muito ódio do comunismo oriental, e do capitalismo liberal que para ele sufocava a estrutura econômica alemã.

Na visão de Hitler, as grandes potências não seriam empecilho para o expansionismo alemão, pois os países hegemônicos da época, Inglaterra, França e União Soviética, após a Primeira Grande Guerra, tornaram-se neutros nas questões que aparentemente não lhes diziam respeito, devido aos acordos de não intervenção nos assuntos políticos de outros países, e na confiança que todos os países respeitassem os acordos firmados no Tratado de Versalhes, assinado em 28 de junho de 1919 e ratificado em 10 de janeiro de 1920. (KISSINGER. Diplomacia, 2007. p. 229).

Dentro desse cenário ambicioso, e de ideias de uma raça mais forte que as demais no mundo, Hitler se utilizou de políticas de cunho expansionista para legitimar sua ambição territorial em prol da Alemanha Nazista, que ele havia forjado e dominado com seus ideais nacionalistas e raciais. Será feita então uma melhor análise dessa sua política de expansão no período em que surgiram novos argumentos teóricos para o assunto.

Para atingir os objetivos da pesquisa e responder as questões propostas, este trabalho foi estruturado em três capítulos: No primeiro capítulo fala-se sobre as ideias e teorias da Geopolítica e Geografia política que serviram de base para o expansionismo nazista evidenciando pensadores como Ratzel, Hauschofer, e Machinder. O segundo capítulo é destinado a uma sucinta revisão na literatura específica sobre o realismo e sua contribuição no meio político das Relações Internacionais. O terceiro capítulo fala sobre a ideologia do espaço vital e a ideia de supremacia Racial do terceiro Reich.

1. GEOGRAFIA POLÍTICA E GEOPOLÍTICA

Em análise, a Geopolítica como intercessão entre a ciência geográfica e a Geografia Política, se completam, e serviram como base, para as ideias imperialistas da Alemanha. Guilherme II e o chanceler Bismark utilizaram de métodos políticos e novas ideias para unir todos os territórios que falassem a língua alemã, e estes foram os conceitos seguidos e utilizados arduamente pelo III Reich, em um movimento em escala mundial. As fronteiras da Alemanha Nazista foram originárias das teorias do Espaço Vital (conteúdo da geopolítica), na imaginação de Hitler só quem poderia obter este território ou espaço vital, seria um povo de raça altamente superior, e Hitler denominou de raça Ariana, aos alemães sem miscigenação de sangue, e com isso as outras raças, evidenciando os Judeus eram culpados de todas as infelicidades que havia ocorrido sobre a Alemanha, fortalecendo com isso o sentimento nacionalista na época. Porém para ter uma melhor análise sobre o tema, caberá á utilização posterior do paradigma do realismo, sobre o qual será feita um breve revisão no próximo capítulo, posto que não é o ponto focal de nosso estudo.

Durante o agitado período histórico do século 20 na Europa, entre a unificação de países como a Itália, e Alemanha, forças teóricas foram forjadas como a Geografia política, que se aludia na sua doutrina às fronteiras dos estados como apropriação do espaço territorial Político de um estado soberano, posto que, o espaço se relaciona com a política utilizada para conquistá-lo; o universo de forças estatais de poder determinaria sua política de expansão, ou seja, os meios que seriam utilizados para alcançar á apropriação desses espaços seria determinado por conceitos teóricos fundamentalistas, que atuariam dentro de parâmetros científicos e tecnológicos em uma conjuntura internacional. Sobre estes parâmetros, a tecnologia estava inserida dentro desse contexto, e afirmava sua plataforma de evolução em uma expressa combinação entre os recursos naturais da terra, e sua autoridade na organização do trabalho em áreas delineadas dentro e fora do espaço territorial, buscando sempre uma linha bem organizada dos seus interesses estatais.

Analisando os conceitos fundamentais da Geografia política, grandes pensadores deram sua contribuição nesse trabalho, sobre, á temática do espaço e seus territórios, visando uma melhor compreensão desse mecanismo de desenvolvimento para garantir sua parcela de ganhos territoriais em um cenário internacional conturbado da época.

Suas bases centralizadoras estariam conceituadas nos fundamentos da geografia política e posteriormente dentro da geopolítica outra base teórica forjada para conceituar os princípios políticos do expansionismo territorial sobre toda Europa.

A Geopolítica utilizou exaustivamente conceitos para justificar eventos de cunho expansivos de territórios alheios, plantado como base estratégica, o poder do estado e sua autoridade sobre outros países de classe inferior, sendo assim justificável sua conquista e anexação por um estado superior com um povo de sangue e raça pura. As formas de dominação variavam conforme as estruturas dos estados se comportavam diante de suas ameaças, dando um lastro geoestratégico para alcançar seus objetivos, que seria a conquista total dos seus limites territoriais e a busca para a conquista de toda Europa.

Para Derolle (2013) os temas clássicos da geografia política são as fronteiras e as formas de apropriação política do espaço tendo com conceitos fundamentais a revolução científico-tecnológica, as mudanças na organização do trabalho e novos padrões de relação com a natureza e seus recursos.

Conforme Derolle (2013) na Geografia política os assuntos como territórios e fronteiras são fundamentais e com a globalização estes temas se destacam cada vez mais posto que as ações globalizantes interferem cada vez mais no âmbito do entendimento de seus conceitos, e o meio técnico científico internacional incentiva a descentralização dos fatores de produção, a maior mobilidade social e a integração, seja cultural ou econômica entre os países, o que contribui ainda mais para a conceituação de territórios e fronteiras. Com isso, os teóricos modernos estudam o fenômeno de desterritorialização, que devido à globalização, o sentimento sobre determinados territórios, vem permitindo a outros países ter um anseio por outros territórios que não o deles, formalizando a falta de pertencimento, ou a vontade de pertencer a diversos locais, este novo pensamento muda a sistemática do tradicional axioma sobre o território.

As fronteiras, para Derolle (2013), com a formação de blocos regionais modifica a ideia de sua definição transformando em uma perspectiva distinta das fronteiras tradicionais. Becker (2010), em seu Manual de Geografia propõe que: atualmente devido à globalização tanto os acadêmicos como os povos estão retomando a discussão sobre a questão das fronteiras ao ponto de cogitar o fim das mesmas; contudo a formação de blocos contradiz esta ideia de não fronteira, ao contrario, formam novas fronteiras, as entre regionais, sem destituir as antigas, as nacionais. Para Becker, é importante salientar que fronteira e limites têm definições distintas podendo até certo ponto ser consideradas opostas, posto que fronteira refere-se à ausência de diferenciação, transgressão e conflitos, e limite representa

diferenciação, contenção e consenso pelo reconhecimento do outro e, portanto, da própria identidade expressa, inclusive, por movimentos de autonomia e resistência.

Para o autor como Sodré. (1982, apud BESERRA, 1985) a Geopolítica origina-se da Geografia no período imperialista e por isso é apenas uma construção ideológica sem sentido científico, marginal, com representação no plano político e que a passagem do campo da Geografia para a Geopolítica foi proporcionada por causa da disputa imperialista por uma nova repartição do mundo na qual chegou ao extremo com a ascensão germânica, transformando aquilo que não passava para Sodré, de espoliação colonialista e imperialista em esforço de revestir a Geopolítica de caráter científico.

De acordo com Beserra (1985), desde que Ratzel fundamentou a escola determinista, a Geografia foi aberta para dois caminhos, o científico e o ideológico, e a Geopolítica representa o auge da trilha ideológica, posto que para a autora o determinismo geográfico é uma das características mais fortes no período imperialista da Geografia, e a Geopolítica mostra a deformação levada ao extremo denominada por ela Geografia do fascismo (arma do fascismo).

Conforme Beserra, (1985), Ratzel pode ser considerado o precursor de uma doutrina que ao surgir começa a impressionar alguns geógrafos não podendo ser chamado rigorosamente de geopolítico, posto que esta doutrina foi desenvolvida e surgiu para basear a concepção autoritária e imperialista de um Estado.

Beserra (1985) fala a respeito de Rudolf Kjellèn e afirma que foi ele quem primeiro utilizou a expressão Geopolítica, no seu livro publicado em 1917, com o nome “O Estado como uma forma de vida”. Ela também observa que ele teve uma grande influência de Ratzel, pois na época Ratzel seria um ícone desse pensamento, e que, mais tarde o próprio Kjellèn trabalharia para formular ideias a partir dos ideários de Ratzel. Segundo ainda Beserra, (1985) este trabalho estaria em dividir a ciência política em três formas: 1-Cratologia, que seria a ciência da organização legal do poder do Estado; 2-Geopolítica ciência do Estado como dominador do espaço; 3-Demopolítica ciência das formas de organização política das massas. Todas estas formas conceituais foram estudadas mais tarde por Hauschofer abrindo o caminho longo para uma vasta discussão sobre o assunto nos meios acadêmicos da época.

Conforme Beserra (1985) o autor Sodré afirma que as teorias de Ratzel são bastante predominantes no pensamento de Kjellèn e pode ser visualizada na citação deste jurista reproduzida a seguir:

Estados vitalmente fortes, com uma área de soberania limitada, são dominados pelo categórico imperativo de dilatar seu território pela colonização, união com outros Estados, ou conquistas de diferentes espécies. Foi esse o caso com a Inglaterra, é o caso com a Alemanha e o Japão e assim, não é o instituto primitivo da conquista, mas a tendência natural e necessária para a expansão como meio de auto conservação (Beserra, 2015, p. 3).

Por essa citação, pode se observar que o imperialismo é posto como expansão natural e justa e que a penetração econômica nesses casos seria perfeitamente justificável porque a natureza humana estaria fadada a se sustentar por porções territoriais cada vez mais abrangentes.

Também afirma Beserra (1985), que nesse sentido os estados estão sempre especulando uma nova forma de dominação, seja ela, política, bélica ou econômica. Conforme o autor, as tendências dessas prerrogativas estão dentro do próprio estado, pois os interesses e a ânsia pelo poder abrem as portas para a busca pela dilatação de sua área de influencia, seja ela por dominação ou arranjos diplomáticos, e assim transformar os estados em predadores vorazes dentro do sistema internacional.

Segundo Lopes (1997) as crises ocorridas no período de 1897 a 1914 na história europeia, derivava em grande parte da estrutura de complexas relações de poder na dimensão mundial promovida pelo imperialismo prevalecente, no qual os principais atores internacionais considerados pela coroa britânica eram Inglaterra, França e Rússia.

Conforme Lopes (1997), o ano de 1897 descreve com exatidão os princípios operativos que conduziam essa estrutura, no qual este autor afirmava:

The principle of the balance of power means that none of the great powers is allowed to increase its power to such a degree that it creates imbalance intolerable to the other powers and thereby provokes resistance by means of alliances, threats to resort to force, or by actually using force. An alteration of the great-power structure can be avoided if the intended or real increase of power is neutralized by offering adequate compensations to the others.

Lopes (1997) afirma em sua obra que para o primeiro Lord do Almirantado, Lorde George Hamilton, Paris e S. Petersburgo representavam a maior ameaça a ponto de Lord Selborne solicitar em Janeiro de 1901 que o princípio do *Two-Power Standard* fosse só aplicado às armadas francesa e russa, contudo seria na condução da política externa alemã que a Grã-Bretanha encontraria durante o período do reinado de Eduardo VII uma constante fonte de desequilíbrio das relações internacionais e os maiores obstáculos à manutenção da paz na Europa.

A Alemanha desde sua unificação vinha sofrendo profundas mudanças no âmbito econômico e a taxa de crescimento populacional estava aumentando a cada dia; isso fez com que o governo de Guilherme II visse na política de natureza expansionista a solução para as crescentes tensões internas. Guilherme II desejava para a Alemanha um novo curso rapidamente, para tanto buscava uma bandeira ideológica e política na qual unisse as forças que estavam em polos opostos no âmbito político-social. O desenho dessa necessidade já poderia ser visto no Pangermanismo *treitschkeano* e *lamprechtiano*, e suas manifestações institucionais sob a forma de grupos de pressão – como podemos citar a Alldeutscher Verband (criada em 1891) e o Deutschbund (fundado três anos mais tarde), nas quais consolidava a opinião pública da vontade de uma Alemanha unida e mais ampla do que a definida pelas fronteiras de 1871. Este projeto de expansionismo ganhou uma expressão governamental, ideologicamente, mais bem definida em 1897 com as nomeações de Bernhard Von Bülow para Ministro dos Negócios Estrangeiros (que entre 1900 e 1909 viria a ocupar o cargo de Chanceler) e do Almirante Alfred Von Tirpitz para Secretário de Estado da Marinha na persecução da *Weltpolitik*. (LOPES, 1997).

De acordo com Lopes (1997) os políticos supracitados afirmavam que a solução dos problemas alemães não estaria dentro da Alemanha, mas no desviar das atenções do descontentamento popular para um novo protagonismo na cena política internacional na declaração de um projeto imperial mesmo indo contra os interesses de outras forças rivais. Von Bülow, que compunha, em conjunto com Miguel, Posadowski e Tirpitz, o alicerce da *Sammlungspolitik* (Política de coleção), escreveu uma carta em 1897 para Philip Eulenburg na qual defendia que todos os esforços deveriam focar na condução de uma política externa bem sucedida, posto que apenas ela poderia unir e reconciliar a nação alemã. Entretanto para consolidar esta visão, o pensamento do norte-americano Alfred Tirpitz Mahan ganhou grande relevância, o qual é profundamente influenciado pelo darwinismo social e expresso em *The Influence of Sea Power Upon History 1660-1783* (1890). Este autor acreditava que a resposta se encontrava na construção de uma armada poderosa que pudesse fazer frente à supremacia naval britânica que era até aquele momento incontestável, e segundo o próprio Mahan fazendo uma análise com um plano de uma *Hochseeflotte*, (Frota de alto mar), imaginada, sobretudo para atuar no Mar do Norte imaginou que, (não seria tanto para proteger as suas colônias ultramarinas ou contrariar a dependência da marinha mercante alemã em relação à Royal Navy - marinha inglesa - no tocante a segurança, e sim para fazer frente ao poderio bélico do inimigo).

Conforme Kissinger (2007) o *kaizer* Guilherme II afirmava que por meio do Poder Marítimo a Alemanha poderia se impor às outras nações e conquistar posições favoráveis ao seu império e ao mesmo tempo resolvia suas preocupações com relação à segurança das colônias ultramarinas, posto que em sua percepção estavam vulneráveis a ataques e invasões.

De acordo com Beserra (1985), o alemão Haushofer elaborou vários conceitos na discussão da diferença entre a Geografia Política e a Geopolítica, na qual este autor afirma que a Geopolítica é fundamentalmente dinâmica, que constitui numa forma de educar o povo na teoria de espaço e a Geografia política é a ciência que decide e condiciona a evolução política ao solo, provendo as ferramentas para as atividades políticas e vida política. Ele conclui que esta disciplina tem a finalidade de virar a consciência geográfica do Estado, lembrando que neste período o princípio básico dos geopolíticos era: Espaço e Poder.

Conforme Beserra (1985) o autor Pierre George afirma que a Geopolítica da primeira metade século XX estabeleceu a pior caricatura da Geografia, posto que justificava autoritariamente qualquer reivindicação territorial, pilhagem através de pseudoargumentos científicos. Isso é explicado, pois a Geopolítica foi se estabelecendo com violência política de cunho ideológico esclarecida com as manifestações de uma imaginação científica, e utilizando certa lógica para justificar os fatos que já aconteceram ou os que se pretendem consumir, apresentando-os como eventos definidos.

Também de acordo com Beserra (1985) a maioria dos geopolíticos não consegue se libertar dos conceitos do determinismo e do organicismo; uma vez que a geopolítica clássica sempre explicará e justificará o aumento dos Estados autoritários pelo expansionismo territorial e econômico, modificando de formato várias vezes, entretanto está baseado na justificativa de relação de crescimento orgânico que se processará não só através da voragem de terras (o Espaço), assim como no controle e no domínio das riquezas naturais e da economia dos países mais fracos.

Como pode ser observado no texto acima, a Geopolítica foi utilizada como pretexto para os governantes de vários países para aumentar seus territórios, utilizando uma das suas principais teorias: O do Poder Terrestre que explanaremos com mais detalhes no próximo item e o Poder Marítimo que foi comentado anteriormente.

Para Beserra (1985), a expansão dos territórios são tendências naturais que segundo ela, para que se possa obter o estado de auto conservação de um Estado, seria de extrema necessidade uma conquista de territórios, seja por meios políticos ou de guerra, pois a intenção pela busca da expansão, fala mais alto que as regras e convenções adotadas pelo sistema internacional em um cenário de interesses estatais.

O que foi analisado nesse primeiro capítulo foram as teorias que forneceram um conjunto de ideias e argumentos, que posteriormente foi inserido como justificáveis dentro do conceito científico e tecnológico, para as anexações de territórios ao estado da Alemanha na época.

As argumentações dos teóricos falam em: tendências naturais, determinismo geográfico, imperialismo e sua expansão, autoridade justificável, entre outras, para garantir a hegemonia dos estados soberanos dentro de um cenário conflituoso no início de um século 20.

Outras ideias também formularia um conceito de expansão territorial, como Raça superior, poder terrestre, sangue puro, povo escolhido por Deus, e diversas outras, mais todas elas estavam direcionadas para o progresso, e sua manutenção do expansionismo territorial como causa primeira de sua teoria, e em segundo lugar estava a eliminação dos seus descendentes como punição pelos trágicos eventos ocasionados dentro da política e sobre a economia da Alemanha.

1.1 A TEORIA DO PODER TERRESTRE

O Poder terrestre é uma teoria que visa à hegemonia do espaço terrestre para uso político, econômico, militar entre outros, a sua ideia principal está em relacionar o poder do estado com as áreas de espaço terrestre disponível sobre o globo. Em uma escala de alcance, esta teoria teve grande influência dentro do cenário internacional, entre as décadas de 20 e 30 em uma Europa conturbada no pós-primeira grande guerra.

Foi uma teoria que foi desenvolvida e manipulada por vários historiadores do século XX para garantir a hegemonia do estado, como premissa basilar em sua estrutura política, o seu desenvolvimento está na divisão das áreas territoriais como separação de zonas geoestratégicas.

A geopolítica através de sua teoria de poder territorial, como observado anteriormente, serviu como apoio para a criação, desenvolvimento, e justificativas para as teorias do fascismo assim como as ações expansionistas e imperialistas do III Reich, na qual os pensamentos para a formação do Estado Imperialista eram discutidos de forma sucinta, entre os tomadores de decisões do estado nazista, evidenciando o cenário político da época. O tema reflete observação para as ideias de Karl Haushofer que por meio de suas análises, direcionou o seu pensamento em teorias explicativas e justificáveis, como a teoria da área coração de Mackinder, é também a máxima de Ratzel de que o estado e poder, Haushofer,

misturou estes elementos produzidos por pensadores conceituados academicamente, e concretizou uma base sólida e justificável para as ações do terceiro Reich Alemão.

Halford John Mackinder, seguidor de Friedrich Ratzel considerado o pai da geopolítica, pelos seus postulados acadêmicos, elaborou a teoria de *Heartland*, denominada Teoria do coração da terra ou Teoria do poder terrestre, onde este autor desenvolveu a ideia de que a terra seria uma “ilha mundial” que tem um coração chamado de “coração da ilha” ou “coração da terra” e quem controlar esse coração dominará o mundo. Para Haushofer, este *heartland* se localiza entre os rios Elba e o Vístula que corta a Alemanha e a Polônia de uma mesma trajetória, ou seja, quem tiver o poder da Europa Oriental domina o coração do mundo que comanda a ilha do mundo, quer dizer o mundo. As teorias de Mackinder empolgavam posto que eram necessárias para o imperialismo e porque foram desenvolvidas no período do crescimento do fascismo europeu. (BESERRA, 1985)

Segundo Castro, (1999, p. 135), Mackinder reforçou a tese do *heartland* escrevendo:

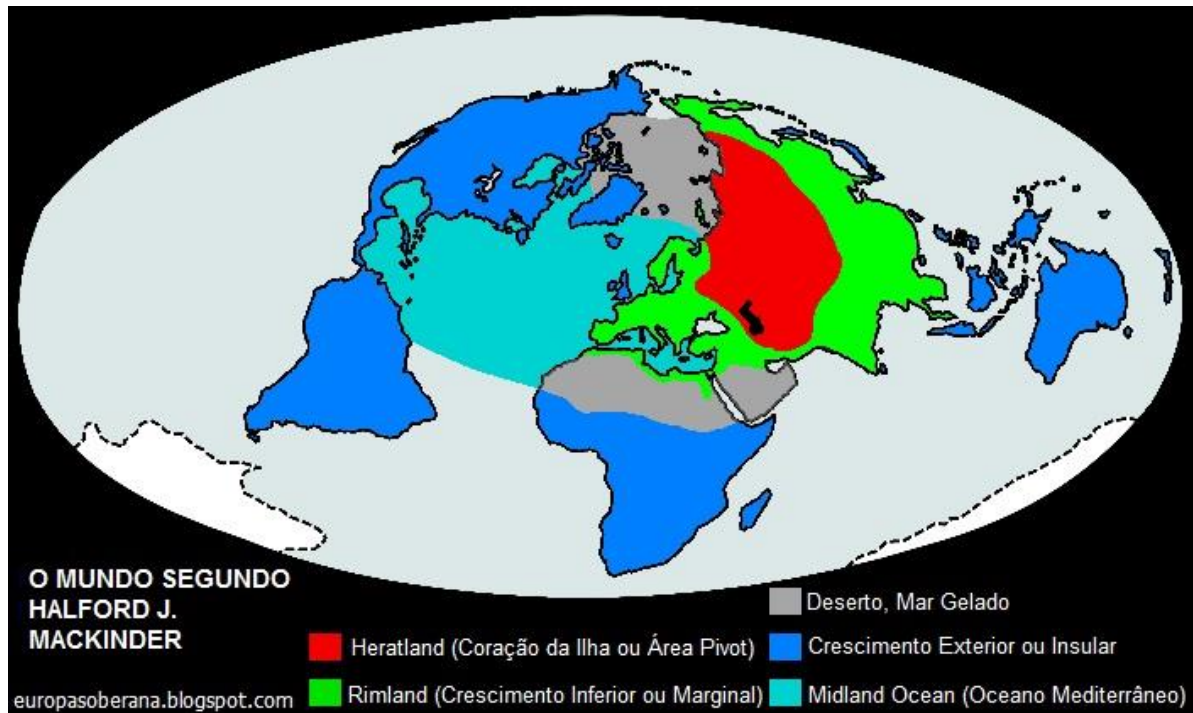
No momento em que nossos estadistas estavam conversando com o inimigo, um querubim alado bem que devia lhes ter sussurrado em tempo – quem domina a Europa oriental controla o coração da terra (*heartland*); quem controla o coração da terra controla a Ilha Mundial; quem controla a Ilha Mundial controla o mundo.

Conforme Lopes (1997) enquanto Russel tem a noção de distribuição vertical de poder com isso fluindo quase sem atritos do topo do poder para as bases, Mackinder desde 1904 ponderava o seu ordenamento horizontal imaginando uma possível confrontação desse poder com as bases e uma admissível extinção ou consolidação, mostrando que o espaço e a política se explicam e condicionam um com outro. Mackinder propôs o modelo *Natural Seats of Power*, no qual ele tenta mostrar que as condições geográficas podem influenciar e muito no decorrer de um conflito de âmbito global assim como a condução da política externa era bastante influenciado pelos conhecimentos dos estudos geográficos. Nesta época ele acreditava na garantia da sobrevivência da Inglaterra em seu Império como a base econômica do seu poderio militar e idealizou o mundo como estando repartido por uma área pivot, o *heartland*, e por crescentes que são áreas que a envolviam e que teria a possibilidade de ser atingidos pelas tendências expansionista da Rússia.

O mapa a seguir retirado do artigo *Heartland - El Corazón de Tierra Firme (II de III)* publicado no dia 21 de julho de 2013, em “Europa soberana” mostra como Mackinder dividia o planeta em vários domínios geopolíticos, e como o Estado que detiver este poder, poderá assumir hegemonicamente o poder mundial. Ele divide geopoliticamente, o mundo em: *Heartland*, (como explicado anteriormente é a região denominada coração do mundo);

Rimland (é uma enorme faixa de terra em torno do *Heartland*); Deserto e Mar Congelado; Crescimento Exterior ou Insular (é um conjunto de periféricos domínios ultramarinos, separado dos crescentes desertos interiores, mares e lugares congelados) e *Midland Ocean* ou Oceano Mediterrâneo (o poder marítimo da *Heartland*).

Figura 1: mapa do mundo segundo Halford J. Mackinder



Fonte: artigo “Heartland - El Corazón de Tierra Firme (II de III)” de 2013

De acordo com Castro, (1999, p. 116), que analisou o mapa – mundo de sir Halford J. Mackinder observou que no globo terrestre teria 75% das terras constituídas pela Europa, Ásia e África, e que dentro dessa massa territorial, nove entre dez pessoas da população viviam nessa área. Dentro desse contexto, Mackinder observa esse conjunto Geográfico e chama de “ilha mundial”, pois ele destaca como eixo central do hemisfério norte. Mackinder também segundo Castro faz uma análise e constata que partira da Europa-oriental a conquista dos bárbaros para o oeste, e dos cossacos, para o leste. Nessa visão, Mackinder afirma que o eixo do poder terrestre estaria nessa região e a chamou de *heartland*, (coração da ilha ou área *pivot*)

Castro afirma que Mackinder, teria uma ideia precisa e que o *heartland*, seria o espaço propulsor do núcleo geohistórico, e que uma vez este espaço se expandindo, estaria

fadado a se transformar no centro do poder terrestre, teria sua base cultural na ilha mundial que envolve cerca de metade da Ásia e a quarta parte da Europa pré-Asiática.

Conforme Beserra (1985) no Instituto de Monique a maioria das teorias geopolíticas na época do fascismo sofreu influência de Haushofer, assim como para atender às necessidades do III Reich este instituto adaptou as ideias de Kjellén, Otto Maull e Ernst Ost, apesar de que as ideias de Otto Maull, que tinha tendências não deterministas; se contraponhas às de Haushofer, visualizadas na Revista Geopolítica deste último.

O nacionalismo máximo junto ao segregacionismo racial do III *Reich* teve origem geopolítica em Haushofer, no qual cultuava o conceito do “sangue e solo”, na tentativa de evitar a contaminação do povo alemão ao cosmopolitismo, considerado uma forma de decadência grave. O misticismo geopolítico do nazismo teve como viga mestras ideias de Haushofer, no qual definiu a geopolítica nazista como a ciência que determina o desenvolvimento dos povos e Estados por meios dos fundamentos territoriais e raciais. Isto traz como consequência o significado da Geopolítica como a doutrina das relações da terra com os desenvolvimentos políticos baseando-se principalmente nos fundamentos da geografia política como doutrina e estrutura dos organismos políticos no espaço e a composição da Geopolítica é representada nos descobrimentos da geografia, quanto ao caráter dos espaços da terra representam e as ocorrências políticas têm que se moldar nesta composição para obter efeitos favoráveis inabaláveis. (BESERRA, 1985)

Para Beserra (1985) a Geopolítica da maneira descrita no parágrafo anterior transforma-se na doutrina de uma arte, transformando ela na consciência geográfica do Estado.

Geopolítico sob a Alemanha hitleriana, bem mais que geopolítico da Alemanha hitleriana, Haushofer contribuiu, não obstante, para desqualificar a geopolítica e torná-la infrequentável, tanto que ela só reaparecerá nos anos 1970, inicialmente nos Estados Unidos e na França a seguir. (CHAUPADRE, 2001 apud BRAGA – 2011 p. 140 - 165),

Para Beserra (1985) uma prática de geopolítica aparecerá em torno destes conceitos acima discutidos; na qual o seu condicionamento é considerado o imperativo programado do expansionismo nazista e não apenas uma justificativa, posto que quando os geopolíticos nazistas falam de teorias na qual podemos citar “Espaço Vital”, “Espaço Político”, “Poder e Terra” ou “Sentido de Espaço” eles estão antecipando justificativas, de uma política determinista a ser executada pelo III *Reich* para sua sobrevivência.

Como Beserra (1985) já denominou anteriormente a Geopolítica como a geografia do fascismo, filha do imperialismo; e que para ela é normal que a geopolítica tenha tornado poderosa no auge do autoritarismo de Estado, como no nazismo, posto que se trata de uma arma política a qual se torna mais acentuada e forte quanto mais se precise dela que está impregnada de deformações ideológicas e é visceralmente anticientífica, e por estes motivos o seu arsenal manipulável é recrutado pelas políticas fascistas para justificar seus crimes.

Para Beserra (1985) á uma diferença do pensamento de muitos autores como Haushofer e ou outros geopolíticos nazistas, que elaboraram ou inspiraram os conceitos geopolíticos que pudessem motivar as ações do III *Reich*. Haushofer, por exemplo, segundo ela, apenas reescreveu utilizando seus conhecimentos geopolíticos as ideias de Hitler, descritas no livro “Minha Luta”; ou seja, o que este autor fez e o que alguns geopolíticos ainda fazem em todo mundo, compilar metodicamente as justificativas para o programa expansionista mundial.

De acordo com Raggi *et al.* (2008) tanto os teóricos clássicos como também os contemporâneos conhecem o sentido do famoso ditado do geógrafo alemão Ratzel que diz “Estado é Poder”, que compõe a melhor e mais concisa definição de Geopolítica. E que segundo Lacoste, um geógrafo marroquino, os conhecimentos de Ratzel sobre o assunto se firmaram pelo seu envolvimento intelectual no projeto bismarckiano de unificação da Alemanha sob o domínio da Prússia na segunda metade do século XIX.

O declínio da Geopolítica alemã ocorreu com a derrota do nazismo, voltando a ser evidenciado no período da “Guerra Fria” na qual foi definido nitidamente seu conteúdo ideológico, em que estabelece a natureza e a necessidade de uma grande potência ter sua hegemonia mundial com capacidade de dar segurança aos povos tutelados por ele e de assegurar a vigência ou continuidade de regimes políticos autoritários, mostrado como continuadores da civilização ocidental cristã. Estes países que são tutelados pelas grandes potências, normalmente precisam de ajuda e para obtê-la renunciam à sua soberania econômica e política, transformando-se em simples fornecedores de mão de obra barata e matéria prima, com valores fixados pelo comprador. O que faz desenvolver em paralelo a compreensão de que a soberania deve ser limitada e que as fronteiras que se deve considerar não são as políticas e sim as ideológicas. (BESERRA, 1985)

Esta teoria tem como proposito direto de Machinder, ajustar as orbitas territoriais de um estado hegemônico dentro e fora do cenário internacional, pois o estado de beligerância entre os outros oferece um descontentamento e insatisfação de estados com interesses internacionais, e dentro desse aspecto os continente foram divididos em zonas de estratégia,

para garantir aos estados hegemônicos o controle dos territórios e posteriormente compeli-los a fazer suas vontades como objeto de apropriação. O estabelecimento de tal doutrina foi um avanço nas questões de poder, entre os estados, pois as zonas de atuação destes estados não estavam bem delimitadas, ocasionando conflitos de proporções medianas, mais constante. Machinder ao analisar esta irregularidade estabeleceu as suas divisões por áreas como foi anteriormente explicado. Qual a importância de tal teoria? Em análise, outros teóricos utilizaram como pano de fundo as questões relacionadas as áreas periféricas, na qual os estados hegemônicos poderiam justificar as suas ações de expansão territorial dentro desses limites, e em segundo aspecto estaria uma bem organizada zona de influência dos continentes garantindo o melhor controle que obtivesse a área pivô ou área coração o centro de todas as zonas na qual controlaria as outras. E nesse sentido a teoria do poder terrestre poderia controlar as hordas terrestre e marítimas fiscalizando as fronteiras como providencia estratégica política e militar.

1.2 CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO DE UM ESTADO IMPERIALISTA

O imperialismo visa naturalmente os aspectos do território como fonte primeira de sua ideia de poder, pensando nesse contexto autores de diversas áreas de pensamento, acreditam em uma emanção do desejo de se expandir, como proteção e defesa aos seus adversários estatais. Os estados são providos de ambições por terras e matérias primas, uma vez que a sua política se estabelece por meio da hegemonia territorial e humana, ou seja, um país que obtiver sua base de projeção territorial poderá estabelecer uma grande influência sobre os estados periféricos; este estabelecimento foi introduzido em um período na qual toda Europa estava sobre o domínio de influências das nações imperialistas do século 19, como: A Inglaterra, Alemanha unificada, França, entre outras.

Em um contexto histórico turbulento, os interesses para obtenção de uma unidade territorial e econômica, foram forjados dentro de parâmetros realistas, pois os aspectos de cada país estavam vinculados aos assuntos de interesses estatais, como projeção territorial, poder militar, busca por matéria prima, e contingente humano para garantir uma maquina de guerra forte e poderosa.

Conforme Raggi *et al.* (2008), Ratzel via o Estado como uma emanção natural da sociedade dedicada à defesa e expansão do território e suas leis de expansões espaciais dos Estados, idealizava o método civilizatório em termos de crescimento territorial e utilizava-o

como justificativa teórica para o movimento de unificação da Alemanha por meio de guerras sucessivas.

Raggi *et al.* (2008)) afirma que segundo Ratzel a revolução de 1848 trouxe uma influência imediata na Alemanha, posto que ocorreram vários levantes populares em todos os Estados da federação, nos quais levaram aos atemorizados príncipes realizar grandes concessões, como consequência o arquiduque austríaco João foi eleito regente do império durante a reunião da Assembleia Nacional em Frankfurt no mês de maio. Porém, o trabalho legislativo estava sendo atrapalhado pela demasiada fragmentação partidária e a classe política encontrar-se dividida entre a denominada “grande solução” e a “pequena solução”, ou seja, em dúvida entre um império alemão com ou sem a Áustria.

Conforme Raggi *et al.* (2008) no final da Assembleia acima citada, foi aprovada uma constituição democrática, que tentava juntar o velho com o novo e na qual prognosticar que o governo apresentasse contas ao parlamento. A Assembleia também ofereceu a Frederico Guilherme IV, rei da Prússia, a coroa do Império Alemão que é hereditária, devido ao fato que a Áustria insistia em incorporar todo o seu território ao futuro império, vencendo assim a *pequena solução*. Contudo Guilherme IV não aceitou a excelência de imperador, que seria concedida por uma imposição revolucionária, resultando no fracasso dos levantes populares em maio e ocorreu um enfraquecimento da revolução que pretendiam impor a constituição “de baixo para cima”. Após a declaração de derrota da revolução alemã, a maioria das conquistas foi anulada por decreto.

Nesse cenário turbulento, a Alemanha de 1871 foi forjada a sua unidade territorial, mas este acontecimento não resultaria da vontade do povo, vindo de baixo para cima, mas sim de um ajuste político firmado entre os príncipes, que configuraria de cima para baixo o novo mapa político da Europa. (KISSINGER, 2007)

Segundo a visão de Ratzel por, Raggi *et al.* (2008) em um cenário fértil, de uma conjuntura adequada, o chanceler Otto Von Bismark teve a oportunidade de governar a Alemanha com sutileza e primazia por 19 anos, e sempre direcionando seu pensamento sobre a segurança e estabilidade nacional. Realizando uma nova forma de governar um Império. Bismark reuniu sua expertise dentro um conceito de política de Paz e alianças, com seus aliados, e também com seus inimigos, buscando sempre fortalecer sua posição na nova constelação de forças em uma Europa imperialista.

De acordo com Kissinger (2007), a política de Bismark se contrapõe às premissas do sistema de Metternich, na qual o mundo seria constituído por elementos principais que

regularizavam as capacidades de poder. As principais Premissas segundo Kissinger, seriam três:

- 1) O equilíbrio de poder europeu,
- 2) um equilíbrio interno alemão entre a Áustria e a Prússia e
- 3) um sistema de alianças que se baseava na unidade dos valores conservadores.

Segundo Kissinger, para Bismarck, a Prússia poderia se tornar o estado Alemão mais poderoso e mais forte sem a ajuda da Áustria, e não precisava da santa Aliança para ser uma ligação à Rússia. E em segundo lugar para ele os interesses nacionais partilhados serviriam de ligação bem apropriada para a *Realpolitik* prussiana, pois poderia ser substituída a unidade conservadora. Ainda na visão de Bismarck segundo Kissinger, a Áustria era um grande obstáculo para a Alemanha que almejava uma união com a Prússia. (Henry Kissinger Diplomacia capítulo, 4-2007).

De acordo com Kissinger (2007), Bismarck fora um grande manipulador de interesses do Estado, pois constantemente forjava acordos bilaterais para se projetar em um Mundo internacional inserto e complexo em todos os sentidos da vida política. Era considerado como o cardeal Richelieu, pelos Habsburgos, pois manipulava todos em sua volta para obtenção de poder. Kissinger também observa que para Bismarck não seria de grande importância qualquer sistema de valores, e sim a consagração da glória do estado, esta sim seria sua visão de política externa dentro do cenário internacional.

Conforme Raggi *et al* (2008) em meado do século XIX ocorreu um enorme progresso econômico, o que favoreceu a unificação da Alemanha, posto que a tornou em um país industrial especialmente no que se refere a indústria pesada e a de construção de maquina, tendo como país na frente deste desenvolvimento a Prússia, cuja economia, em pleno vigor, fortalecia a consciência da burguesia liberal no âmbito da política. Com isso, em 1861 foi criado o partido progressista alemão, o qual se tornou a principal força no parlamento prussiano e que várias vezes foram contra ao seu governo.

Em 1862, Bismarck foi nomeado chanceler e primeiro ministro de Estado, o qual teve que governar contra o parlamento e sem a aprovação orçamentária por este órgão; tendo que apelar para medidas, tais como censura da imprensa e a restrição do direito de reunião, para poder obrigar novas cobranças de taxas com a finalidade de financiar a reforma militar que Bismarck achava necessária. Com esta reforma, Bismarck obteve grandes vitórias na política externa o que contrabalançou sua fraca posição na política nacional, podendo citar como exemplo de seu êxito a conquista do norte dos territórios de Schleswig-Holstein da Dinamarca

em 1864, e a Alemanha passou a administrá-los juntamente com a Áustria. Entretanto como o chanceler tinha como finalidade obter todos esses referidos territórios entrou em guerra com Áustria, que saiu derrotada em 1866. A Liga Alemã foi diluída e foi criada a Liga Setentrional Alemã, na qual aliava todos os Estados germânicos ao norte do rio Meno, permanecendo Bismarck como chanceler e primeiro ministro (RAGGI *et al.* 2008).

Segundo Raggi *et al* (2008) o chanceler utilizando o sentido da pequena solução, complementou a unificação com a adesão da Alsácia e Lorena, após a guerra contra a França entre os anos de 1870 a 1871, a qual foi anunciada devido a um conflito diplomático. Os Estados do sul da Alemanha movidos pelo patriotismo juntaram-se à Liga Setentrional Alemã, e com isso formando o segundo Império Alemão ou *Reich*, com a proclamação do rei Guilherme I da Prússia, em 18 de janeiro de 1871, na França, como imperador da Alemanha. Logo, como podemos observar, a unificação da Alemanha resultou de pactos entre príncipes e devido à superioridade da Prússia, ou seja, de cima para baixo, posto que não foi realizado pela vontade do povo, “de baixo para cima”.

Neste ambiente, o chanceler além de prestar contas ao imperador deveria buscar apoio para sua política no Parlamento do Império, denominado *Reichstag*, que era eleito por sufrágio igualitário e tinha apenas uma influência indireta no governo.

De acordo com Raggi *et al* (2008) o Império Alemão foi governado por mãos de ferro pelo chanceler Bismarck, que através da sua política externa de paz e alianças, fortaleceu cada vez mais sua posição no novo sistema de forças na Europa; contudo a sua política interna nacional não era considerada muito acolhida na Alemanha Imperialista, posto que o supracitado chanceler combateu diversas classes internas sociais e políticas, tais como: as forças democráticas (consideradas, por ele, inimigas do Império); a ala esquerdista burguesia liberal, os políticos católicos e o movimento operário organizado (reprimido durante o período de 12 anos). Entretanto a política personalista do imperador Guilherme II forçou a demissão de Bismarck no ano de 1890, podendo de certa maneira considerar que este último, por trabalhar em linhas conservadoras de poder e segurança do Império, tornou-se vítima de seu próprio sistema.

Segundo Raggi *et al* (2008) após a saída de Bismarck o comando passou para um novo chefe do governo com as mesmas características do que saiu, que fez alianças com as potências hegemônicas da Europa. Neste período de transição de ministério o rei tentou recuperar os terrenos perdidos durante a corrida imperialista das grandes potências, todavia esta participação no sistema colonial foi considerada bastante modesta posto que a Alemanha

só possuía as seguintes colônias: Togo, Camarões, o Sudoeste Africano e os territórios denominados de África Oriental Alemã.

Na Alemanha, as décadas que antecederam a Primeira Guerra Mundial podem ser consideradas como o período mais extraordinário alemão, devido ao grande aumento populacional, o qual passou de 41 milhões no ano de 1871 para 61 milhões em 1910; assim como pelo progresso material alemão, o que teve como efeito cascata o crescimento da produção e posteriormente o aumento culminante da exportação. Podemos citar como exemplo deste crescimento:

- 1) o surgimento de firmas poderosas como Krupp e Thyssen, por causa do desenvolvimento elevado da indústria siderúrgica
- 2) o aumento de fabricação de fertilizantes para agricultura e explosivos para o campo militar; pela indústria química. (RAGGI *et al* – 2008)

Conforme Stackelberg (1999 apud RAGGI *et al* – 2008) a máxima “Política mundial como missão, potência mundial como objetivo, esquadra como meio” era a política do imperador desenvolvida neste período de intenso nacionalismo e próspero, que dava destaque à marinha com objetivo de concorrer com o Reino Unido e assim também intensificar com mais ênfase os interesses coloniais alemães; com isso as classes conservadoras imperiais se fortaleceram com caráter idealizador ao Poder e seus interesses mais ocultos. Ainda neste clima Raggi *et al* (2008) afirma que visando ao fortalecimento de sua marinha no anos de 1990 o rei proclamou uma nova lei naval na qual dobrava o poder marítimo alemão tendo como consequência o aumento da rivalidade econômica entre o Reino Unido e a Alemanha, além de tornar ainda mais complexo o cenário internacional, mais evidente em 1913 posto que foi caracterizado como o ano de preparativos militares , ou seja aumento do exército, elevando o receio internacional geral, dividindo o sistema internacional em dois grupos, os quais futuramente seriam os principais adversários na primeira guerra mundial: (1) Alemanha e Áustria, (2) Inglaterra, França e Rússia, entre outros.

Para Raggi *et al.* (2008) no fim do século XIX as publicações das formulações do prussiano/alemão Friedrich Ratzel traz um revigoramento do método de sistematização da Geografia da época, contudo elas são muito básicas para “*servir de instrumento poderoso de legitimação dos desígnios para os expansionistas do Estado alemão recém-construído*” Morais (1986 apud Raggi *et. al.* - 2008); posto que estas formulações são compreensíveis apenas por causa da época e da sociedade em que as produziram, em que Ratzel vivenciava a

criação real do Estado nacional alemão e suas primeiras décadas, contudo elas eram muito simples.

Raggi *et al.* (2008) afirma que a unificação da Alemanha ocorreu de forma tardia o que fez com que este país ficasse de fora da partilha dos territórios coloniais, mas este fato não evitou um certo progresso interno e à medida que este desenvolvimento ampliava, nutriam nos alemães um expansionismo latente, levando a um enérgico projeto imperial e seus propósitos constantes de anexar novos territórios. Neste ambiente Ratzel engajou-se no referido projeto governamental e sugeriu em suas obras uma validação do imperialismo bismarckiano, tornando a Geografia, como Morais (1986, apud Raggi *et. al.* - 2008) falou: “um elogio do imperialismo [...] semelhante à luta pela vida, cuja finalidade básica é obter espaço e as lutas dos povos são quase sempre pelo mesmo objetivo. Na história moderna a recompensa da vitória sempre foi um proveito territorial”.

Segundo Palma (2006) como já comentamos anteriormente o pensamento de Ratzel foi desenvolvido em uma época impar no âmbito nacional, na qual a Alemanha vivenciava sua unificação, era liderada por Bismarck e no âmbito internacional afirmava-se como uma potência junto com a afirmação de grandes Estados e Impérios coloniais. Em seus primeiros estudos nas ciências naturais, Ratzel conjecturava os problemas darwinistas aplicados à realidade social da época, em que a Geografia tem como objetivo explicar as influências do ambiente nos grupos sociais e mais especificamente no Estado e como este pesquisador evidencia que como o Estado tem uma relação de necessidade com o solo deve ser considerado na pesquisa geográfica. Além dos estudos de Ratzel, no âmbito da filosofia alemã, era dominado pelo primado da razão de Kant, pelo determinismo e materialismo histórico de Hengel e pelo romantismo místico e nacionalista de Herder, Fichte e Treitschke; já no campo estratégico e geopolítico, dominava a psicose do cerco, a não correspondência entre a dimensão real da Alemanha e a dimensão espacial, e a necessidade de compensações daí resultante.

Segundo Palma (2006), Ratzel afirma que cabe às civilizações mais evoluídas fazer as primeiras investidas para que ocorra o desenvolvimento territorial de um Estado tendo como consequência a expansão territorial na qual primeiramente absorve unidades menores e as partes mais valiosas.

Braga (2011) reproduziu opiniões de três pesquisadores em relação à Ratzel as quais estão descritas a seguir: (1) “O Estado pode ser lido geograficamente, e Ratzel forneceu categorias para interpretar” (Raffestin - 1955), (2) Ratzel forneceu “um verdadeiro programa de governo para uma Nação imperialista”, ao associar o desenvolvimento do Estado à

expansão cultural de seu povo, de base comercial ou missionária (AZEVEDO - 1955) e *ele é um dos primeiros geógrafos a propor os conceitos fundamentais de uma Geopolítica alemã*, dando-lhe uma linha de raciocínio e um método (CHAUPRADE – 2001).

Braga (2011) em seu artigo lembra que Ratzel no ano de 1890 foi membro da Liga Pangermânica e o fundador do Comitê Colonial, no qual defendeu o avanço de um império colonial alemão posto que as fronteiras coloniais tratava-se de um instrumento de expansão do Estado que se concentra em obter domínio de áreas com valores político-econômicos. Estes valores é que tornavam os lugares interessantes para serem, por exemplos absorvidos pelo império. São áreas de planícies, cursos d'água, regiões litorâneas e produtoras de matérias primas.

O geógrafo Azevedo (1855) fala que as ideias de Ratzel influenciaram espantosamente o expansionismo prussiano iniciado por Bismarck e continuado pelo imperador Guilherme II, entretanto segundo Braga (2011) o material teórico produzido por Ratzel, é utilizado por vários geopolíticos, e afirma que estas obras têm uma ação pioneira, porem ele lembra que existem duas teses clássicas do pensamento geopolítico que as considera contemporâneas e antecede o autor alemão, as quais são:

- 1) Poder Marítimo elaborado pelo almirante norte-americano Mahan em 1890, e
- 2) Poder Terrestre proposto pelo britânico Mackinder em 1904, já visto anteriormente.

Como pode ser verificado neste item 1.1, o Império Alemão utilizou a importância da ampliação das influencias e também o nacionalismo para unificar seu território e posteriormente expandi-lo visando as suas integridades: territorial, de segurança e da economia. Entretanto, na visão da teoria do poder territorial era considerada importante para manutenção da hegemonia total de um Estado sobre os demais, à obtenção do “Espaço Vital” ou o chamado “coração do mundo”.

Essa seria a fase mais esperada de um processo de dominação, posto que uma vez realizada esta manobra, a obtenção de novos territórios seria só uma questão de tempo, pois para ele quem domina o coração do mundo está automaticamente à frente de todos os estados secundários.

Machinder empregou os seus princípios teórico em um determinado tempo, para formular um conjunto de ideias que posteriormente constituiu bases de sustentação para outros teóricos, suas ideias foram o ponto de partida para um jogo de força dentro e fora da

Europa, pois os movimentos nacionalistas se organizaram e reivindicaram as suas áreas de melhor interesse.

O imperialismo se estabeleceu na Europa, por quase mil anos, e dentro de pensamento de dominação não seria um alarme que depois de turbulentos eventos sociais, os estados se rebelassem contra a sociedade como todo, posto que, eventos de interesses estatais nunca foram deixados para traz, uma vez que os estados são criados por homens, e estes são motivados pelos seus próprios interesses.

2. O REALISMO POLÍTICO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.

Em Maquiavel, em sua obra prima mais famosa - o príncipe, fala da Dinâmica da conquista, da manutenção e expansão do estado como objeto da politica, fala também sobre o poder e o conflito que estão sempre ligados a percepção da natureza humana, a segurança do estado e sua glória e são princípios basilares e estão sempre no pensamento de um governante . Em outro teórico esta mesma obra, descobre de outro pensamento, o governo soberano age para assegurar sua hegemonia no âmbito domestico e sobre o sistema internacional complexo.

Segundo Pecequillo (2012), este Realismo Político é conhecido como a mais tradicional abordagem teórica das Relações Internacionais e sistematiza suas preocupações em torno de dois conceitos chave: o Poder e o Conflito; a percepção da natureza humana é sustentada em uma avaliação que a identifica como propensa à conquista, egoísta e predatória, e os objetivos a serem perseguidos pelos adeptos desta corrente é que a principal finalidade é a de estar na segurança, na glória e no prestígio.

Para Rodrigues (2004, p. 13) o Realismo foi o primeiro paradigma que surgiu com os teóricos europeus tais como: Tucídides, Maquiavel, Hobbes e Rousseau do século XIX e considerado como a teoria clássica das relações internacionais, a qual considerava uma coexistência dos Estados que utilizam a força e soberania dos seus exércitos e da sua diplomacia para agir entre si visando ao melhor dos seus interesses, chamado por Rodrigues (p.13) de prática de uma espécie de egoísmo inteligente.

Para este autor, o pensamento realista é que o Mundo é constituído por Estados que vivem num ambiente anárquico, contudo anárquico que não signifique caos, e sim como ordem, estabilidade e por formas reguladas de interação entre unidades independentes, e que os Estados só podem contar com eles próprios para a sua segurança e não há nenhum outro tipo de autoridade superior que faça a gestão das relações entre soberanos.

Conforme Rodrigues (2008), os teóricos Realistas da antiguidade, exemplificados acima pelo próprio Rodrigues vêm exercendo, ao longo do tempo, uma grande influencia no cenário político internacional, tanto no século passado como no atual, pois esta corrente de conhecimento se fortaleceu cada vez mais ao longo de muitas décadas deixando marcas profundas no entendimento do homem dentro da sociedade civil, e também, na política de um Estado, entre os quais podemos citar os conceitos como, segurança, força, desconfianças mútuas, interesses individuais; o que é moral e imoral, e o porquê das guerras entre povos, que por sua vez introduz no pensamento humano. Assuntos que dentro da temática das

Ciências Humanas fazem perguntas relevantes às questões políticas dentro de um cenário internacional e que algumas têm grande importância no tema deste trabalho e para exemplificar quais as motivações que levam os Estados a se fortalecerem belicamente e provocar um conflito generalizado em busca de territórios alheios.

Segundo Rodrigues (2008), os estudiosos deste assunto falam sobre os verdadeiros motivos pelos quais os Estados estão sempre em busca dos seus objetivos (o poder, a segurança, e a sua sobrevivência no sistema internacional, pois segundo eles, há uma constante luta entre os estados para se manterem soberanos dentro e fora do seu território).

Conforme alguns historiadores, as questões de interesses individuais irão sempre prevalecer no cenário internacional, no qual a cobiça a inveja e outros sentimentos nefastos estarão latentes sobre os Estados. (RODRIGUES, 2008)

De acordo com Rodrigues (2004), foi um historiador grego, um dos primeiros a refletir de maneira mais aprofundada, sobre as relações internacionais privilegiando as suas dimensões conflituosas utilizando como exemplo a guerra de Peloponeso entre Esparta e Atenas (431 – 404 a.C.), e descrevendo no decorrer do seu trabalho o conflito entre essas duas cidades, levantando questões sobre as causas que levariam ao confronto, interrogando as origens profundas dos conflitos e acabando por encontrar a explicação essencial no imperialismo de Atenas, considerando que a guerra resulta do excesso de poder: quanto maior uma cidade, maior a ambição e desejo de conquistar outros povos, que, segundo Rodrigues, esse anseio por novos territórios faz surgir o desejo de poder entre os homens.

Conforme Pecequilo (2012) quando se analisa voltando às origens clássicas do Realismo se pondera o progresso das relações de poder e conflitos de forma rápida, e remetem-se às ideias de Tucídides, as quais falam do funcionamento do mecanismo do equilíbrio de poder da guerra anteriormente mencionada.

Para Rodrigues (2004), o filósofo italiano, Nicolau Maquiavel, que viveu no século XV, por meio de sua obra prima “O Príncipe”, mostra aos estadistas como proceder diante do seu governo. Este filósofo escreveu durante sua vida pública, que passou pelas crises da Europa ocorridas durante o citado século acima, 25 ensaios em forma de carta, nos quais ele concluiu que os “fins justificam os meios” quando levado em consideração as ações de seus governantes para obtenção do equilíbrio e da estabilidade de um trono; justificando, com isso, a necessidade de utilizar de força quando necessário para assegurar um império; contudo, para que estas ações fossem aceitas em favor do soberano, Maquiavel se encarrega de garantir a teoria realista, como a premissa primeira de um governo hegemônico, no qual o governante

terá que realizar algumas manobras imorais com a finalidade de se estabelecer no sistema internacional, e obter seus interesses imperiais ou nacionais.

De acordo com Pecequillo (2012) Maquiavel que viveu em um diferente contexto e período histórico ao de Tucídides, em uma época de processos de formação dos Estados na Europa Ocidental, descreve em sua obra “O Príncipe” a dinâmica da conquista, manutenção e expansão do poder do Estado como indivíduo. O objetivo da política refere-se ao poder e às ações do governante em julgadas quanto a sua eficiência na perseguição deste alvo específico.

Segundo Castro (2008), a corrente realista possui em Maquiavel toda explicação de como um governo soberano pode agir, para assegurar a sua hegemonia governamental, dentro da esfera doméstica e também dentro de um sistema internacional complexo.

Conforme Castro (2012 p. 319 - 321) pode-se visualizar sete premissas do Realismo utilizando como base o texto de Maquiavel do Príncipe.

Primeira premissa: a natureza humana é, em grande medida, egoísta e individualista e tais ações se refletem nas articulações internas e externas dos Estados. Segunda premissa: a guerra representa instrumento no domínio da política para fins de maximização das estratégias nacionais (razão de Estado) de sobrevivência e segurança. Terceira premissa: o Estado nacional utiliza a maximização do cálculo do poder diante de seus constrangimentos endógenos e exógenos. Quarta premissa; o militarismo e as políticas de defesa nacional (ofensivas ou defensivas) são justificáveis sob o ponto de vista de obtenção e manutenção, a custos crescentes, de capitais de força-poder-interesse (KFPI) disponíveis. Quinta premissa: a relativamente baixa controlabilidade internacional (entropia relativa) força os atores estatais a tomarem posturas de priorização de suas respectivas agendas. Sexta premissa: o Estado nacional é um principal ator do cenário internacional, permitindo-o o acesso à extensa gama de ações, de prioridades autojustificadas e de prerrogativas exclusivas. Sétima e última premissa: os Estados são movidos e posicionados em uma distribuição irregular e assimétrica de KFPI, ocasionando, assim, uma hierarquização cratológica em uma determinada ordem mundial. (CASTRO, 2012, p. 319-321).

Ainda em Castro (2012), tendo como base as ideias de Hobbes, o Realismo clássico fundamenta-se no egoísmo ético em função da necessidade de sobrevivência e da autoajuda dos Estados. Para Hobbes a percepção de que as relações humanas e internacionais são centradas no poder, tendo a lógica da dominação como seu combustível, reforça o sentido de “dilemas de segurança”, no qual quando um país investe na defesa nacional pode provocar uma desconfiança dos países vizinhos e assim o de aumento da insegurança.

A vida no Estado de Natureza para Hobbes é solitária, pobre, detestável, bruta e curta, na qual com a finalidade de evitar essa condição de intolerabilidade de vida, o estado civil surgiu para salvaguardar a ordem pública, a paz e a segurança dos cidadãos na relação com o Leviatã que imporá a força e o direito para tal finalidade.

Em uma análise de Castro (2008) Hobbes fala que a corrente se baseia na existência de uma anarquia no sistema internacional, e os seus interesses individuais estão fora dos assuntos relacionados à ética, buscando de forma constante o militarismo, as Geoestratégias de defesa e as manobras para a conquista de um determinado território, são como eixos centrais da lógica da conquista para um estado.

Thomas Hobbes como Castro (2008), citou anteriormente, apresenta algumas justificativas no âmbito de equilíbrio e manutenção do poder, em seu livro mais famoso “O Leviatã”, cuja imagem do Estado de Natureza estabelece um pré-pacto social, que simboliza a anarquia nas Relações Internacionais. Entretanto dentro das suas fronteiras os Estados organizam-se através do contrato que estabelecem controles e leis sobre a vida dos cidadãos. Já no campo internacional, prevalece o “Estado de Natureza” e a competição original. O estado político e a diplomacia terão como função evitar ameaças de guerra e invasões territoriais, seja pelo choque de interesses entre os Estados, como pelo estabelecimento de relações regulares e mediadas entre os mesmos no cenário internacional.

Thomas Hobbes afirmava que os Estados vivem em um Estado de Natureza entre si, posto que sempre batalham para realizarem os seus objetivos, ou seja, seus interesses nacionais. Ele também defende que o Homem está dividido entre desejo e razão, que é dificilmente controlado, o ser humano é dominado pelo desejo e a razão ajuda a controlar esse desejo. O Estado de Natureza pode ser controlado por um *Leviatã* que é uma autoridade. No interior do Estado há uma autoridade que mantém as relações pacíficas entre as pessoas. Para Hobbes, nas Relações Internacionais não há um “*Leviatã*”, não há autoridade acima dos Estados. (CASTRO, 2008)

De acordo com Pecequilo (2012) a partir da criação dos Estados Nacionais, a elaboração dos conceitos passou a ganhar uma extensão prática no desenvolvimento das políticas das nações durante os séculos XVII e XIX, em que podemos evidenciar a teoria de *Raison d'État* (Razão de Estado) desenvolvida pelo Cardeal francês Richelieu.

Na opinião do citado Cardeal os interesses nacionais do Estado constituído devem ser alcançados de forma racional, observando um cálculo de custo e benefícios, visando ao aumento do poder nacional e sendo julgados a partir de critérios, exclusivamente político. Em comparação, na Alemanha, Bismark define como *realpolitik*, as práticas do equilíbrio de poder e as ações fundamentadas nas considerações racionais visando o interesse do Estado. (PECEQUILO, 2012)

Conforme Pecequilo (2012) a diferença entre a baixa (*low politic*) e a alta política (*high politics*) também surgiu na Europa neste mesmo século, que identifica como *low* o

âmbito da economia, da cultura e da diplomacia, e como *high* o poder e a guerra. Na contemporaneidade, estas classificações são intercambiáveis com as perspectivas do poder brando e duro.

A consolidação dupla do realismo e da disciplina das Relações Internacionais no campo do estudo de análise dos Estados soberanos no cenário internacional ocorreu durante os séculos XIX e XX com a explosão de Primeira Guerra Mundial, seguindo da Segunda Guerra Mundial e posteriormente pela Guerra-fria. (PECEQUILO, 2012)

Conforme Lemos (2010), Clausewitz foi um filósofo e estrategista, autor do livro “Da Guerra”, no qual procurou responder os questionamentos históricos de sua época e serviu, possivelmente, de alimento teórico, ideológico e estratégico para as gerações dos governos europeus até 1919, e até para este autor a própria guerra era uma arte.

Neste citado livro, o autor não tratava só de história, mas também de ciência política e acima de tudo tratava da filosofia da guerra e também de sua natureza ligada à forma e matéria das sociedades modernas do século XIX e da guerra do Estado nacional (que é a pessoa política fruto da vontade política de todo um povo nação, artificialmente confeccionado), em uma mistura de nostalgia pelo passado supostamente glorioso e ansiedade pelo futuro que quer se materializar em seu presente como sucesso.(LE MOS, 2010)

Clausewitz, segundo Lemos (2010), apesar de possivelmente não ter sido original, conseguiu capturar as transformações de sua era, assim como materializou em texto o que seriam ideias no ar, contudo estas ideias somente foram valorizadas apenas quarenta anos após sua morte com o surgimento de uma Alemanha unificada. O estudioso foi reconhecido pelos arquitetos políticos e militares dessa potência que desequilibrou o jogo de forças de uma Europa que, para alguns (Keegan, por exemplo), vivera quase um século de paz, entre 1815 e 1914. Para Carl a guerra moderna era um duelo entre dois contendores ampliados na condição de povo, de exército e de Estado de uma nação.

Segundo Fernandes (2003), nos anos de 1942 e 1944, o ex-jornalista e professor de relações internacionais, Spykman, norte-americano de origem holandesa, publicou dois importantes trabalhos: o *The America's Strategy in World Politics. The United States and the Balance of Power* e *The Geography of the Peace*. O segundo foi redigido em 1943, contudo publicado postumamente, marcou decisivamente a política externa do pós-II Guerra Mundial com o conceito de Rimland (uma zona entre os poderes marítimo e terrestre, que abrangia parte da Europa Ocidental, o Médio Oriente, a Turquia, o Irão, a Índia, o Paquistão, a China, a Coreia, o Japão, o Sudoeste Asiático e a costa do pacífico da Rússia) uma área geoestratégica

determinante para a segurança dos EUA no mundo (e que influenciou toda a sua política de alianças militares).

Segundo Novaes (2013) Nicholas apresentou, no primeiro livro acima citado, uma síntese dos principais dilemas da política externa norte-americana, no qual apresentava uma visão bastante clara sobre o debate na política externa estadunidenses entre isolacionistas (que defendiam os Estados Unidos não deveriam entrar no conflito mundial) e intervencionistas como Spykman que se fundamentam em Clausewitz para legitimar a guerra como *a mera continuação da política por outros meios* e estimular a presença do referido país no conflito; para tanto Spykman fazia uso da lembrança da Doutrina Monroe de 1823, evidenciando que os Estados Unidos nunca foram isolacionistas e que deveriam atuar de forma contundente na guerra em curso.

Spykman (1942), na sua obra “Estratégia Norte-americana na Política Internacional”, pode-se observar que a luta entre Estados é mais ao nível do espaço (território e petróleo) para se tornarem mais fortes e obterem a qualquer custo os seus interesses individuais, no cenário internacional, durante um conflito. (Novas Geopolíticas de Venssitini, 2000/ 2013).

Conforme Binimelis (2006) Spykman conferiu três significados gerais para geopolítica a qual a identificou com a escola histórico filosófica do III *Reich* na busca da legitimação à construção de um Estado baseando-se na força para o serviço de sua expansão, outra como o sinônimo de geografia política e finalizando associando-a com o estudo e o planejamento de uma política de segurança que não se pode ser independente das características da região em que ocorrem as tensões.

Em 1942, conforme Novaes (2013), Spykman também publicou um artigo chamando a atenção para as relações entre fronteiras, segurança e organização internacional, buscando fazer um novo debate do papel das fronteiras no âmbito da guerra tridimensional, posto que considerava não apenas as guerras travadas no mar e na terra, contava também com a nova era do ar ou seja dos aviões; chamando a atenção para o fato de que as bases naturais e os Estados Tampões, temas tão recorrentes na geopolítica clássica, perderiam importância nos novos conflitos mundiais.

Este fato também relativizava o isolacionismo norte-americano, pois muitos teóricos entendiam que os EUA estavam protegidos do conflito mundial pela presença dos oceanos Atlântico e Pacífico, que funcionariam como uma barreira natural de contenção dos inimigos. (NOVAES, 2013)

As teses formuladas por Nicholas em paralelo às idéias de outro teórico geopolítico, como Alfred Mahan, vigoraram após a Segunda Guerra Mundial e vislumbravam a contenção

da expansão comunista por um cinturão militar, político e econômico ao redor da União Soviética. (VIEIRA, 2006)

Também conforme Vieira (2006) atribui-se as ideias de Nicholas à responsabilidade pela formação da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), que agrupou países ocidentais, e, depois, do Pacto de Varsóvia, que reuniu países socialistas.

Segundo Castro (2012), Hans Morgenthau um teórico germânico-estadunidense considerado o fundador do realismo neoclássico no cenário pós-Segunda Guerra Mundial, tem como obra prima o livro “Política entre Nações”. No capítulo IX desta obra pode ser observada a atenção que o autor dá à geografia como componente do poder nacional dos Estados, no qual o mesmo revela que *O mais estável dos fatores de que depende o poder de uma nação é obviamente a geografia* e descreve ainda neste referido capítulo os fatores que podem debilitar ou dar vantagens competitivas, no contexto de aglutinação do poder estatal e de determinação de suas geoestratégias, de vários países, no qual podemos citar os EUA e a URSS, como também trata das condições de insularidade da Grã-Bretanha, como fator de segurança nacional, e de alguns outros países europeus.

Para Pecequilo (2012) Hans Morgenthau em *Politics Among Nations*, define e sistematiza resumidamente seis princípios para o realismo político baseando-se nas hipóteses clássicas do realismo sobre o conflito, a natureza humana, a autonomia e centralidade dos Estados; no qual para ele o interesse, definido em termos de poder, dos meios e fins da ação estatal, e que variam conforme suas necessidades e contextos tratam-se das chaves do realismo político.

Neste contexto a “primeira prioridade” continua sendo a preservação da segurança e soberania. Entretanto com a finalidade de definir outros componentes deste interesse, o Estado atua como a racionalidade, analisando os riscos e benefícios existentes, com isso a cooperação, bi ou multilateral, trata-se de uma estratégia possível de ação, não assumindo o caráter de valor, demandas morais e idealistas não devem ser levadas também em conta neste processo.(PECEQUILO,2012)

Em relação às outras sociedades um Estado não deve impor os seus princípios e suas ideologias, com a finalidade de evitar a ambição de universalização de modos de vida e valores. A ordem internacional é amparada pelo Equilíbrio de poder e Morgenthau vê na diplomacia um fator importante na condução dos Estados e suas interações no ambiente mundial, e a guerra conserva-se presente como ferramenta viável, utilizada em casos extremos e, que por vezes necessário, dentro da política internacional. (PECEQUILO, 2012)

Segundo Castro (2008) o realismo mostra a grande desigualdade entre os Estados, no sistema internacional e por isso é referenciado pelo estado de natureza “hobbesiano”, o qual estaria em constante estado de alerta, para garantir a sua hegemonia no sistema internacional, levando os Estados a procederem de acordo com seus interesses, diante do cenário internacional.

O poder e o conflito, objetivos pela segurança do Estado, os interesses do Estado e pessoal, a glória e o prestígio dentro do Estado, e a sua sobrevivência, foram temas de vários parágrafos que foram redigidos acima, pois o Realismo político das Relações Internacionais, segundo Rodrigues tem como consideração identificar as padronizações das instituições e seus comandos, o Estado utiliza a força e sua soberania tanto na política diplomática, quanto na política do exército, estes e outros temas foram exaustivamente pensados; dentre estes, as motivações que levam um estado a se fortalecer belicamente para provocar um conflito, que visa buscar territórios alheios em um padrão de escala internacional.

Os autores desse capítulo contribuíram para o trabalho, pois deram uma vasta visão de como, o estado manipulado pelo homem se estabelece, e procura maximizar seus ganhos políticos e seus interesses pessoais dentro e fora do cenário internacional competitivo.

2.1 O REALISMO CLÁSSICO E SUA PREOCUPAÇÃO, A RESPEITO DA SOBREVIVÊNCIA DO ESTADO.

O realismo clássico tem como recorrente de abordagem a segurança, a sobrevivência e a lógica de poder para fins na esfera interativa humana. O realismo clássico inicia seus argumentos sobre a tese da sobrevivência e autoajuda em sentido amplo por meio da manutenção do Estado, conservação do seu poder e a preservação da ordem pela subserviência de sua população, tendo a segurança comum como seus principais pressupostos.

A segurança é um bem público imaterial de acentuado valor, Pressupondo previsibilidade e estabilidade, a segurança produto de força atribuída e do simbolismo do poder se torna cada vez mais preciosa em um cenário internacional marcado pela entropia relativa em razão também da busca pelos interesses individuais dos Estados. O realismo clássico, em razão da necessidade de sobrevivência e da autoajuda dos Estados, vai se fundamentar no primado do egoísmo ético em oposição ao altruísmo ético da escola liberal da época. Em fim começaremos os nossos estudos e análises dentro do conteúdo realista.

De acordo com Castro (2012) o Realismo clássico começa seus argumentos com o tema da sobrevivência e da autoajuda no sentido amplo através da manutenção do Estado, conservação do seu poder e a preservação da ordem pela subserviência de sua população, apresentando como suas suposições a segurança comum; posto que se trata de um bem público, imaterial e de grande valor; contudo é um patrimônio necessário à humanidade que vem dos desejos mais antigos das coletividades pré-estatais (pré-westphalianas). No livro *Leviatã* e nos seus escritos *De Cive*, Hobbes mostra claramente que a segurança no realismo clássico fundamenta-se na supremacia do egoísmo ético.

Considerando uma previsibilidade e estabilidade, torna a segurança, que é um produto de força imposta e do símbolo do poder, cada vez mais importante no sistema internacional caracterizado pela definição relativa em razão também da procura pelos interesses individuais dos Estados, posto que os interesses estatais se contradizem e contrapõem com outros interesses estatais juntamente com os macros interesses do sistema internacional ao ponto de se tornarem insustentáveis, isso faz com que a segurança seja cada vez mais escassa e o ponto de ruptura da paz mais possível. (CASTRO, 2012)

De acordo com Castro (2012) o Realismo defende que o cenário internacional não é isonômico, posto que ele é calcado na incerteza, além de ser estruturado em assimetria de informações devido à natureza desnivelada do relacionamento entre os Estados e demais atores não estatais, e moldado pelo poder, pela força, e pelo seu próprio interesse.

Castro (2012) afirma que o Realismo clássico tem como uma das suas principais premissas as relações humanas e que as Relações Internacionais são centradas no poder. Como pode ser verificado em Hobbes, o poder utiliza a lógica da dominação como sua matéria prima, que reforça o sentido de “dilemas de segurança”. Este dilema ocorre quando um Estado promove investimentos na defesa nacional, com a finalidade de obter um determinado padrão de segurança interna, entretanto estes investimentos podem provocar a desconfiança dos países vizinhos e com isso até mesmo de aumento da insegurança do sistema internacional.

Para Hobbes a vida no “estado de natureza” é solitária, pobre, detestável, bruta e curta, ou seja, uma vida intolerável, entretanto este estado pode ser evitado quando se aplica na sociedade o “estado civil” que salvaguarda a ordem pública, a paz e a segurança dos cidadãos na relação com o Leviatã que conferirá a força e o direito para obter tais intentos. Os Estados nacionais operam com racionalidade e utilitariamente, como ser autônomo, detentor de seus próprios interesses dentro de um sistema de Estados soberanos direcionado por uma agenda

externa na qual em certos momentos são conflitantes, e em certos momentos em acordo e harmonia conveniente.(CASTRO, 2012)

Segundo Castro (2008) o cenário internacional vive em um estado latente de anarquia relativa, para os teóricos realistas clássicos. Esta anarquia não se refere à falta de estruturas de regras ou ao caos completo, e sim a ausência de um governo central, supranacional, com capacidades de correlacionar, com eficiência, as normas e instituições internacionais.

De acordo com Castro (2012) na política internacional persiste uma anarquia entrópica externa relativa, devido à falta de uma estrutura efetiva e plena de governo superior aos Estados, com autoridade central para aplicar as normas de comportamento e torná-las enérgicas. Como anteriormente comentado, a corrente realista baseia-se na existência da anarquia, nos dilemas de segurança e no sistema de autoajuda dos Estados; além do que a forma, funcionamento e coesão do sistema político vêm dos interesses individuais dos atores políticos. Ademais como eixos centrais há a desigualdade e consecutiva busca pelo militarismo e a geoestratégia de defesa e manobra e a lógica da conquista. A política da força foi denominada em alemão *Machtpolitik* pelos realistas como referência *inter alia* (“entre outras coisas”) do Chanceler de Ferro Otto Vom Bismarck, na sua prática ultrarrealista no período a segunda metade do século XIX, durante e após a unificação da Alemanha em 1871, o qual para atingir seus objetivos finalísticos utiliza a manipulação e a força política e bélica. Finalizando a questão de anarquia aplicada ao cenário internacional o autor cita a reflexão a seguir de Maquiavel em seu livro “O Príncipe”:

Nas ações de todos os homens, sobretudo dos príncipes, quando não há tribunal ao qual recorrer, deve-se considerar o resultado. Assim, um príncipe deve conquistar e manter um Estado. Os meios serão sempre considerados honrados e por todos louvados. Porque o vulgo atenta sempre às aparências e ao resultado e no mundo só existe o vulgo. (MAQUIAVEL apud CASTRO, 2012).

Concluindo, com relação aos Estados é considerado desordenado e anárquico, desejando serem independentes, contudo as grandes nações querem dominar as pequenas Os principais fundamentos que todos os Estados possuem tanto os novos, como os velhos, são boas leis e bons exércitos. Realistas clássicos defendem que o cenário internacional vive um estado latente de anarquia relativa, não no sentido de ausência de estruturas de regras ou caos completo, mas na falta de um governo central, supranacional, capaz de correlacionar, eficazmente, as normas e instituições internacionais. A ausência de um efetivo e pleno arcabouço de governo superior aos Estados, com autoridade central para aplicar as normas de conduta e torná-las eficaz, faz perdurar a anarquia entrópica externa relativa na política internacional. A corrente alicerça-se, portanto, na existência de anarquia, nos dilemas de

segurança e no sistema de autoajuda dos Estados. Ademais, os interesses individuais dos atores políticos dão forma, funcionamento e coesão ao sistema político centrado em interesses. Existem a desigualdade e a conseqüente busca pelo militarismo e a geoestratégia de defesa e manobra e a lógica da conquista como eixos centrais.

3. A IDEOLOGIA DO “ESPAÇO VITAL” E SUPREMACIA RACIAL

Para podermos dar início às considerações teóricas e explicativas do professor Alemão de geografia política, Haushofer, sobre a sua ideia de espaço vital, é de grande importância citar que no livro “Novas Geopolíticas” de Vesentini (2013), Haushofer isenta a teoria geopolítica de ser a responsável pelo processo de expansão Nazista, pois em sua carta-testemunho, “Uma apologia da Geopolítica”, ele explicava que sempre esteve somente a fazer ciência, pelo método americano.

O espaço vital, sempre foi uma procura do homem em toda sua existência, uma busca por terras férteis e de fácil cultivo, estas sempre foram as características almejadas por todos os povos, em diferentes épocas e contextos históricos, um historiador se destacou dentro desse assunto, por teorizar o homem como detentor legal desse espaço terrestre, pois segundo ele, o mais forte sobrevive ao mais fraco e esta teoria se estabeleceu em toda uma Europa por revelar pensamentos de dominância entre os seus governantes, em muitos casos o povo era conivente com estes pensamentos dando a liberdade e legitimidade para atuar na busca pelo seu melhor lugar. Haushofer introduziria esta teoria no seio da Alemanha por meio de uma revista política, na qual fazia parte de sua edição mensal, suas ideias e teorias nacionalistas e ante semitas, tiveram um grande poder de dissuasão tanto da população quanto nas elites sociais, já que boa parte da Europa compartilhava dessa mesma ideologia. Nesse capítulo discorrerei sobre os pensamentos de autores, que em suas revisões contribuíram para uma melhor compreensão do tema exposto.

Segundo Castro (1999 p. 27), na teoria do espaço vital (*lebensraum*), foi sintetizada o crescimento orgânico do estado, para ela Ratzel, falava que não haveriam de trocar os territórios que eram politicamente organizados, pois aos quais não se “oferecem ao crescimento razões naturais ou econômicas”, E segundo essa concepção de Ratzel, “um território extenso, esparsamente povoado, é um grande Estado do futuro”.

O Fundador da escola Alemã de *Geopolítica* foi Friedrich Ratzel, cujos trabalhos mais importantes surgiram sobre a década de 1890. Ele buscou estabelecer uma relação paralela à luta Darwinista na qual prezava pela existência Humana e seu *habitat* natural e a sua procura constante de mais território para sua raça. Ratzel sentiu que poderia estabelecer um elo entre a ideia orgânica do estado em uma teoria que legitimasse uma invasão territorial. Em suas análises, os Estados não eram estáticos, eles cresciam naturalmente, pois as fronteiras eram simplesmente uma pele, as quais poderiam ser trocadas a qualquer momento. Ratzel escreveu: *Há nesse pequeno planeta espaço suficiente para somente um Grande Estado*; suas

colocações teriam que ser revistas e ampliadas em um grau mais científico, e segundo Strausz, havia um Professor acadêmico que estava a observar as colocações tanto de Ratzel como de Mackinder (STRAUSZ-HUPÉ, 1942, P.31).

Segundo Strausz.-Hupé (1942), este homem seria o professor acadêmico, Karl Haushofer, que em sua vida estudou as teorias de, Ratzel é também Mackinder, e elaborou ideias sobre um espaço vital para o povo de uma raça superior. Assim foi forjada uma ideologia racial que se configurasse nas conjunturas do Estado Alemão, pois para ele este espaço terrestre só poderia ser de uma raça superior dominante que tivesse respaldo histórico em toda sua existência para se apropriar de áreas férteis sobre a Europa. Haushofer insistia em que a Alemanha precisaria ampliar o seu *Lebensraum*, (Espaço Vital), cuja justificativa era que a Alemanha estaria em grande desvantagem sobre as áreas habitacionais europeias, e que, por mérito, poderia povoar toda a eurásia, região estratégica no centro da Europa. Haushofer entrou para uma revista Alemã, onde expôs toda a sua ideia racista e expansionista.

Para a compreensão dos trabalhos de Haushofer e da *Zeitschrift für Geopolitik*, (Revista de Geopolítica), segundo Strausz. Hupé “*A Luta pelo Espaço e Poder*”, livro deste autor publicado em 1942, é importante notar que estes se desenvolveram num período político, econômico e social extremamente conturbado da história da Alemanha da primeira metade do século XX, em que era grande a difusão entre a população de um sentimento de decadência, que estimulava a necessidade de promover o ressurgimento do Ocidente (liderado pela Alemanha), ideia amplamente sugerida por obras de intelectuais famosos como Oswald.

Spengler em “*Der Untergang des Abendlandes*” (“A Decadência do Ocidente” I-II, 1918-1922), em conjunto com a humilhação sofrida pela derrota militar na I Guerra Mundial e a incapacidade do regime democrático instituído pela República de Weimar (1918-1933) – que sucedeu à renúncia do Kaiser Wilhelm II e ao fim da Alemanha imperial do II *Reich* (1871-1918) – em resolver os problemas sociais e territorial e adicionado também à subversão do regime democrático de Weimar e a sua deposição pelo partido nazi de Adolf Hitler, com a fundação do III *Reich* (1933-1945), estreitamente associada ao desencadear dos trágicos acontecimentos da II Guerra Mundial, surgiu os trabalhos de Haushofer nascido no contexto de um grande debate que, nos anos 1924-1925 dentro da comunidade de geógrafos alemães, no qual opôs os defensores da Geografia Política clássica, na linha de Ratzel, aos defensores de uma nova Geopolítica.

Os debates citados acima se desencadearam essencialmente por duas grandes razões: a primeira, de contornos marcadamente acadêmicos e de tipo epistemológico, resultado do fato de Kjellén ter sustentado a criação não só de um neologismo, como também de uma ciência

original, só que a sua posição não era propriamente consensual entre a comunidade dos geógrafos alemães, *os detratores de Kjellén afirmavam que este não tinha criado nenhuma disciplina nova, pois apenas tinha deslocado a Geografia Política para o espaço da Antropogeografia de Ratzel, e colocado a Geopolítica no lugar da Geografia Política ratzeliana*; a segunda, por causa de contornos menos acadêmicos e mais políticos, consequência direta do já referido ambiente conturbado que vivia na Alemanha após a derrota na I Guerra Mundial, existindo, dentro da comunidade de geógrafos, diversas vozes, que sustentavam que esta tinha tido também grandes responsabilidades nessa derrota, por não ter sabido contribuir para uma formação geopolítica adequada da classe dirigente e da própria população, ao contrário do que acontecera nas rivais Grã-Bretanha e França. A Geopolítica Clássica Revisitada

Em parágrafos anteriores falamos superficialmente a respeito da (Revista de Geopolítica) Alemã de Houschfer, *Zeitschrift für Geopolitik*, que visava a aprofunda a sociedade em massa, sobre as projeções e intenções do novo ideal nacionalista, que se forjava diante de um partido forte e determinado, o Nazismo. Um dos teóricos, que teceram o modelo científico-político da referida revista foi Kjellén (1864-1922) - representante do ultraconservador do Partido Nacional da Suécia (Kost, K. 1988:42) - no qual suas obras serviram de várias referências que persistiram durante todos os anos de existência da revista, principalmente após a ascensão do Partido Nazista ao poder. (JACOBSEN, 1979:512)

O conceito de “espaço vital” foi criado pelo geógrafo e historiador alemão Friedrich Ratzel (1844-1904). Basicamente, tratava-se de sustentar que “toda sociedade, em um determinado grau de desenvolvimento, deve conquistar territórios onde as pessoas são menos desenvolvidas.” O século XX, a partir de 1923, mostrou que espécie de uso Adolf Hitler faria desse conceito e que preço a Alemanha deveria pagar por aceitá-lo.

No pensamento acima comentado pode ser verificado que para os alemães o “Espaço Vital” só poderia ser dominado por uma raça superior, que não sofresse influência das demais que não eram “puras”, surgindo com isso um nacionalismo, utilizado por Adolf Hitler no seu idealismo e as mídias foram um instrumento de divulgação. Hitler além das teorias já exemplificada anteriormente usou como base os pensamentos de Hauschofer como descrito a seguir.

3.1 ALINHAMENTO IDEOLÓGICO SOBRE ESPAÇO VITAL: KARL HAUSCHOFER & ADOLF HITLER.

Nesse item, há uma breve análise sobre as questões que foram elencadas; no documentário, que para uma melhor análise, será disponibilizada em CD, pois se estabelece um grande debate entre historiadores conceituados, que revelam como Hitler se dispôs a trabalhar em conjunto com Geógrafos, como Karl Hauschofer e fanáticos nacionalistas como Hess, seu braço direito até 1941, quando foi considerado traidor do Reich pelo próprio Hitler.

As linhas de pensamentos de Hauschofer e Hitler beiravam uma engrenagem perfeita, uma receita de bolo forjada em um cenário dramático em um momento certo para ser realizado.

No documentário deixa claro que Hauschofer participou diretamente das ações pertinentes de expansão territorial, ligando em princípio ao direcionamento bélico como afirmativa para uma reação de interesse estatal e logo depois com a justificativa de uma Raça superior, tornando o fruto de pesquisas de anos na Ásia e nas Américas o tempero final e incontestável para a dominação do mundo pelo partido de Adolf Hitler o Nazismo.

No Documentário *El Mago Merlin de Adolf Hitler* exibido no Canal de veiculação aberta pela internet, *Youtube*, em quatro episódios 1/4, mostra como Haushofer preparou uma verdadeira doutrina expansionista para a Alemanha entre as guerras da Europa de 1914 a 1945. O mago de Adolf Hitler, como era conhecido nos meios políticos, da Alemanha pós Guerra. Segundo o próprio documentário, Haushofer preparou um detalhado trabalho de organização política militar e também de cunho diplomática para estabelecer bases de sustentação ideológica no centro de uma Alemanha confusa com problemas de caráter social, político e econômico, em meados de 1932.

Segundo o mesmo documentário, entre os anos de 1920 e 1945, Haushofer foi um dos homens mais influentes da Alemanha. Amigo e mentor de Hitler, observou o Partido Nacional socialista, o Nazismo, ser estabelecido no poder.

Este supracitado documentário revela ainda que foi através de seus discípulos e amigos que suas ideias, conceitos e doutrinas foram introduzidos na política Nazista e que sua influência foi sendo estabelecida com força sobre todos os níveis do estado Alemão.

O expansionismo bélico tinha uma raiz inserida no núcleo do partido, segundo o documentário; Haushofer teria arduamente viajado para o Japão em busca de novas ideias de cunho imperialista e nacionalista, como era um poliglota falava o japonês, coreano, russo entre outras línguas; teve facilidade para estudar as doutrinas Japonesas.

Ainda no supracitado vídeo, Haushofer teria uma ligação muito próxima com o líder Nazista Hitler, seria inclinado às praticas ocultistas do paganismo prussiano, em épocas onde alguns historiadores e sociólogos acreditavam que os Alemães seriam descendentes de uma raça superior, as demais raças do mundo. Nascido em Munique em 1869 seria segundo o documentário um fervente nacionalista Alemão; teria sido um soldado profissional da categoria de artilharia, passando logo depois da guerra a um oficial de artilharia. A sua dedicação ao estado deu a ele o mérito de se estabelecer como parte do estado maior. Alinha do documentário fala que Haushofer teria um grande interesse sobre a política e pensamentos japonês no que dizia respeito à cultura e ao nacionalismo da época. Ele conhecia o imperador japonês Michinomiya Hiroito e buscava entender algo sobre as ideias do contexto nacionalista e imperialista do Leste Europeu.

Em 1908 no mês de Novembro, Haushofer foi convocado pelo exercito Alemão para que realizasse um relatório detalhado das milícias do Japão, especialmente em Tóquio. Ainda neste vídeo, *El Mago Merlin de Adolf Hitler* fala que este episódio e missão marcou a vida deste estudioso, já que posteriormente faria uma grande viagem por todo o leste Europeu, no qual logo mais, abrasaria o oriente médio em busca de ideias que justificasse os seus pensamentos sobre o *Lembesraun* ou (“Espaço Vital”).

El Mago Merlin aponta que Haushofer, em 1914 quando foi deflagrada a primeira grande guerra mundial, viu seu país lutar na frente ocidental; como soldado da artilharia, lutou bravamente pelo seu país, e depois desse evento, logo foi elevado ao posto de General da Divisão do exército Bávaro. O comentário de Bob Cuddihy, autor de “*Nato Fellow (2009)*”, sobre sua tradução: “Companheiro da OTAN” fala que, ao final da guerra, houve um tratado de paz, porém a Alemanha teria sido acusada de ser a principal mentora da guerra, e por essa acusação, ao referido país foi imposto sanções militares e territoriais de grandeza astronômica, tais como: Embargo dos territórios de ultramar da Alemanha, e também a faixa de terra entre a França e a Alemanha chamada de Alsácia e Lorena que seria próspera em minérios. Houve também uma substancial diminuição do contingente militar, sendo suprimido para 100 mil homens, e imposta uma grande indenização por danos de guerra que fez a estabilidade econômica do país desmoronar tanto por conta dessas ações indenizatórias, quanto pelo fato de emergir do ocidente sobre América do Norte a grande crise de 1929, que por sua vez definiu os rumos posteriores sobre as políticas econômicas internacionais.

Neste documentário, as regiões do planeta eram divididas em áreas dos continentes naquele momento: A *Great Britain* possuía o controle sobre a África, Índia e *Middle East*, (Oriente Médio); os Americanos tinham sua linha de influencia e controle sobre a South

América e Pacífico; a Alemanha, a Rússia e o Japão, países que comportam a Eurásia, que seria a massa continental que compreendia estes países estavam arrasados pela guerra.

O documento em vídeo menciona também que Haushofer saiu do exército com grande e vasta experiência sobre o assunto com relação ao expansionismo racial, e, em 1919 elevou-se ao cargo de professor de geografia honorário da universidade de Munique. Na universidade, começou a forjar sua doutrina política chamada *Lebensraum*, em sua tradução “Espaço Vital”, que afirmava o direito da Alemanha, segundo ele, de conquistar e explorar os territórios de seus vizinhos como princípio de sobrevivência de um Estado.

Bob Cuddihy, fala no documentário explana que essa doutrina se passava na cabeça de Haushofer como uma ideia certa e segura, ele acreditava que em toda história da humanidade este pensamento seria correto e teria respaldo científico dentro da geopolítica. Havia também conforme Cuddihy, a questão do Tratado de Versalhes que reduziu drasticamente as demandas de produção bélica que a Alemanha estaria tão familiarizada no começo do século.

De acordo com o mesmo documentário, para que a Alemanha reorganizasse os armamentos, ela teria que fazer alianças com países outrora inimigos mortais, e Cuddihy ainda cita que para assegurar um pouco o controle das outras regiões, a Alemanha teria que forjar um pacto, o qual seria chamado por Haushofer de Aliança continental Eurasiática, que uniria a Alemanha, a Rússia e o Japão para poder formar um grupo forte que pudesse combater o poderio Anglo-saxônico na época.

Conforme ainda o documentário, o mentor da doutrina *Lebensraum*, Haushofer, na década de 1920, começou a esboçar a sua ideia de aliança Militar, pois segundo Cuddihy um tratado secreto com a Rússia foi sendo forjado em sua teoria, e posteriormente este tratado foi firmado, o qual fechou o elo que asseguraria o rearmamento militar na Alemanha. Segundo o documentário, este tratado foi chamado de Tratado de Ropalo no qual os dois países não se agrediriam mutuamente, e estabeleceriam um pacto comercial conjunto.

Segundo Visentini (2013), Haushofer perpetrou as ideias de Mackinder que foram adaptadas para o contexto Alemão do período pós I Guerra, pois para ele, o geógrafo inglês refletia sobre um ponto de vista do poderio militar Naval Britânico e Mackinder viu um perigo eminente se a Alemanha e a Rússia forjassem uma aliança militar, pois as duas juntas facilmente controlaria a *heartland*.

Dentro desse tema, Haushofer observou Mackinder em uma conferência intitulada *The Geographical Pivot of History*, que foi proferida em 25 de janeiro de 1904 na Real Sociedade Geográfica, segundo o artigo da “Revista de Geopolítica, Ponta Grossa-PR, v.2, n1. p.146-163, jan/jun.2011”. O General Haushofer classificou no mesmo ano, que o texto sobre o

prisma geopolítico Eurasiático de Mackinder seria “*uma obra prima geopolítica*” e mais tarde reinterpretaria para favorecer dentro da sua teoria de *Lebensraum* à Alemanha Nazista.

Para Vesentini, (2013), Hauschofer citou em um dos seus vastos artigos a frase: *É Preciso Aprender com o Inimigo*, na qual tentou minimizar as questões ideológicas entre o Nazismo e o comunismo na época.

No mesmo documentário, pelo Tratado de Versalhes, a Alemanha não poderia construir aeronaves, tanques e navios de guerra, entretanto, o Tratado de Ropalo fez com que os dois países, Rússia e Alemanha, conseguissem produzir estes itens de guerra dentro da Rússia, que seria aliada secreta da Alemanha Nazista na época. Estes materiais bélicos foram arduamente produzidos no território Russo, que mais tarde foram enviados ao seu coligado, o Japão, e, posteriormente, em extremo segredo, para não alarmar os países que no momento estavam observando as questões políticas da Europa à Alemanha de Hitler.

Ainda para o documentário, na década de 20 a Alemanha estaria dividida e sem nenhuma liderança, para que Hauschofer propusesse o seu Plano de dominação estratégica da Europa em ação; todavia o seu plano de *Lebensraum* ou “Espaço Vital”, estava em andamento, já que segundo Cuddihy, em um encontro casual com um dos seus ex-alunos de Geopolítica, chamado Rudolf Walter Richard Hess da Universidade de Munique, nasceria um afetivo caso de doutrinador e doutrinado entre ambos, pois na época Hess já fazia parte do partido Nacional Socialismo – NSDAP, quando se reencontraram.

Segundo Cuddihy, Hess era um nacionalista inveterado e estava muito entusiasmado com que seu ex-professor de geografia política Hauschofer, falava sobre união de todos os povos Alemães que naquele momento estava disperso por toda Europa. No momento do reencontro, o orgulho de Hauschofer aflorou, e realizaram incansáveis reuniões com seu mais brilhante aluno que posteriormente fariam parte do seu trabalho ideológico para com a Alemanha Nazista. Segundo ainda Bob Cuddihy, este mencionado trabalho visou a compreender quais os métodos que estavam sendo utilizados pelo novo partido, e o que ele Hauschofer poderia adequar sua doutrina do *Lebensraum*, no contexto político da Alemanha desta época histórica.

Segundo Vesentini, (2013), em sua publicação da sua revista (Novas Geopolíticas, Cap. 1, p. 21), Hauschofer, em 1931, fazia parte da linha editorial da Revista de Geopolítica *Zeitschrift Geopolitik*, que abordava temas como Espaço vital, isto incluiria como sua interpretação a “necessidade de novos territórios” para a nação alemã principalmente na “Europa Central”, pois este conceito seria muito importante tanto na Europa como na África, segundo Visentine; Hauschofer teria também como superfície de pensamento, uma nova

ordem mundial ou “mundial ideias” superioridade da raça Ariana e o seu destino para o Mundo.

De acordo com Castro (1999 p.35), Geopolítica– Princípios, Meios e Fins, Hauschofer em uma visão continental dos espaços crescentes, teria escrito no seu primeiro artigo na Revista de Geopolítica, que o “espaço engendra o poder dos estados e determina, por conseguinte, os destinos humanos”.

Castro (1999) também fala que teria “descoberto as relações entre o poder público e o espaço, bem como a sua dinâmica entre os espaços, é, sem dúvida, um mundo digno de ser conquistado pela jovem ciência – a Geopolítica, ao contrario, a própria estrutura e divisão do mundo em continentes e oceanos, zonas climáticas, desertos e regiões habitáveis criam uma multiplicidade tal de condições de vida que bem nos leva a aceitar a Geopolítica como ciência que se ocupa da variedade e desigualdade, dos efeitos e da dinâmica dos espaços. A variedade desses efeitos é grande porque não só variam as condições geográficas, como também as relações do homem com a terra que habita.”.

Na Revista de Geopolítica, Ponta Grossa-PR, (v.2, n1. p.146-163, jan/jun. 2011), fala que entre as ideias idealizadas pela Revista editada por Hauschofer estaria a de “Espaço Vital” (a necessidade de novos territórios para a Alemanha na Europa Central), também a de superioridade da raça Ariana e do destino manifesto alemão em uma nova ordem ideal:

Sem esses personagens, que logicamente foram impulsionados por determinados aspectos do clima intelectual da Republica de Weimar e da Alemanha nazista (Berlim como a “nova Paris” nos anos 20 e 30, ressentimento alemão contra os tratados de pós-Primeira guerra Mundial, misticismo, radicalização nacionalista, ênfase na raça e na busca do seu “espaço justo” etc.), a geopolítica provavelmente teria conhecido um destino diferente, seria tão-somente mais uma das inúmeras propostas malogradas para uma nova ciência. (VESENTINI, 2013, Pg.20).

De acordo com a Narrativa do Documentário, na Baviera em 1923, Hitler e Hess juntos com um grupo de Nazistas tentaram dar um golpe de estado no então governo de Weimar, que Hitler afirmava ser um governo fantoche, das potencias ocidentais e comunistas da Europa, houve um conflito armado, no qual os rebelados do partido NSDAP foram sufocados e o golpe assim fracassado.

Hitler foi preso, com outros integrantes do movimento, Hess fugiu para casa de Hauschofer, mas logo foi persuadido a se entregar; foi então que frequentando a prisão de Hess, Hauschofer conheceu o líder do partido nazista Hitler, e logo teve empatia com o mesmo, que revelaria suas ideias de conquista do mundo, sobre uma temática complexa de raça superior e Espaço Vital, mas que para obtê-la teria que forjar politicas de alianças para

fortalecimento bélico sobre todas as regiões da Europa e que só assim um novo mundo se estabeleceria em uma nova ordem ideal, como já foi citado em um paragrafo anterior.

Segundo Lord James Douglas Hamilton, historiador que elucida no documentário sobre a participação de Haushofer no livro de Hitler, intitulado *Mein Kampf* ou *Minha Luta* em sua tradução. Segundo Hamilton, Haushofer teve uma participação expressiva no que diz respeito às ideias de espaço vital que Hitler fala no livro, pois seria Hess quem o apresentou ainda na prisão, em suas visitas, Haushofer.

Alguns Historiadores como Vesentini (2013, p 20), refletem se Haushofer não influenciou a política expansionista Alemã, no III Reich, incentivando o megalomaniaco Adolf Hitler diretamente, mas em sua Revista da qual fez parte, jogou as cartas, para o mundo observar quais as verdadeiras intenções geoestratégicas da Alemanha nessa época, pois ele e sua revista repercutiram com grande veemência a ideologia da Raça Superior e também, dentro dessa visão, acrescentaram uma necessidade de um Espaço Vital para legitimar as anexações territoriais, fazendo valer em grau de legitimidade as argumentações das ideias escritas na revista.

Este mesmo historiador, acima citado, afirma que um intelectual alemão da década de 1930 que fazia parte do partido Nacional Socialista de Hitler, afirmou que a Escola de Geopolítica de Haushofer, ajudou-o amplamente a fixar as intenções do regime nas políticas estrangeiras e que ele sabia muito bem o que estava plantando no seio da Alemanha. O livro de Lukacs (1980) fala um pouco das ideias de Hitler sobre as quais discorreremos em linhas breves.

Segundo Lukacs (1980), em sua obra, a última Guerra Europeia, Setembro 1939-Dezembro de 1941, no capítulo VIII, a Europa em 1940 estava sob os pés de Hitler, ou melhor, sob o estado Alemão. De acordo com Lukacs, as instruções que Hitler teria passado aos seus comandados seria a melhor possível, pois o seu realismo era impressionante.

Lukacs (1980), também fala que houve teóricos especialistas e historiadores, que divergiam do realismo do líder Nazista, a ponto de falarem que Hitler seria um oportunista. Harold Laski, em 1942, afirmou que Hitler não era senão um homem sem princípios e sem teorias, e que em toda sua vida desejava simplesmente o Poder para o seu próprio benefício. Ainda nesse mesmo pensamento, Allam Bulloch, dez anos mais tarde, apresentou o mesmo discurso: (Um oportunista sem princípios), e ele que na época seria o maior biógrafo de Hitler. No entanto, o livro de Lukacs (1980) fez uma ressalva, pondo em parêntese que: (Há alguma evidência de que depois daquela época turbulenta o biógrafo Bulloch mudaria de opinião sobre o líder Nazista Adolf Hitler).

Lukacs (1980), afirma que Hitler não tinha muito de oportunista, pois para ele, os velhacos eram menos perigosos do que os fanáticos. O mesmo Autor também cita que o fanatismo de Hitler era então um composto de uma forma grosseira de idealismo e uma espécie cruel de Realismo, que na unidade desses dois componentes resultava em muitas ocasiões em uma Argúcia surpreendente, penetrava nas intenções dos políticos estrangeiros e dos líderes políticos.

Nesse caso, para Lukacs (1980), a Argúcia de Hitler em observar a fraqueza dos seus oponentes seria a sua maior fonte de Poder; e nesse sentido, para o Autor, seria um oportunista. Lukacs fala que Hitler fazia com que seus adversários não observassem a sua verdadeira intenção, que seria tomar para si as possessões Territoriais dos seus Adversários.

Segundo Lukacs, (1980, p. 146), a Alemanha de 1938 já seria mais diferente que a dos anos de 1900, onde Bismark travava uma política repressiva doméstica, pois não deixava o seu povo manifestar as suas ideias.

Este mesmo autor observa que Hitler liberou o seu povo de uma opressão social nesta época, contudo, segundo ele, obrigou os Alemães a concordarem com as propostas, que o próprio Hitler indicou para a nação alemã. Estas propostas seriam, por exemplo: paz, prosperidade e harmonia entre os alemães; mas em troca, segundo Lukacs (1980), incitava os alemães contra os seus principais causadores da miséria e agonia instalada após a primeira grande guerra mundial que seria os capitalistas estrangeiros e os Judeus, segundo o próprio Hitler.

Lukacs (1980, p. 165) fala que Hitler, em seu manifesto político chamado Mein Kampf ou Minha Luta, trata de certo modo de uma proposta expansionista direcionada, que esta bem definida dentro de seu pensamento.

Para o mesmo autor, não resta dúvidas, pois no fim do livro, o próprio Hitler relata: A Alemanha deve e precisa se conter substancialmente, e nunca tolerar o estabelecimento de duas potências continentais na Europa. Ver um ataque á Alemanha e toda tentativa de se organizar um poderio militar nas suas fronteiras, e assim empenhamos para que a força da nossa Nação seja baseada não em colônias, mas em territórios Europeu; nunca considerar o Reich seguro, enquanto não for capaz de por séculos dar a todos os seus filhos o seu próprio pedaço de solo e território. Escrito pelo líder nazista em 1928, Hitler, em seu livro Mein Kampf.

Castro (1999, p. 33) fala que no capítulo 14 de Minha Luta que seria intitulado de “Orientação para o Leste ou Política do Leste”, ele teria escrito que “os limites entre países são criados pelos homens e por eles modificados” e por esta causa, o direito ao solo ou espaço

vital “pode se tornar um dever sagrado quando um grande povo sem possibilidade de aumento territorial parece destinado ao desaparecimento”. Ainda segundo Castro dentro do contexto continua Adolf Hitler – “a Alemanha tornar-se-á uma potência mundial ou deixará de existir”. E nessa visão expansionista, Hitler observava que as fronteiras de 1914 nada anunciavam, pois para o futuro da Alemanha teria que constituir primeiro uma proteção no presente para seguir com força para o futuro.

Lukacs (1980, p. 535), afirma que nesse momento Hitler demonstrou qual era a sua verdadeira intenção, e agiria de acordo com seus preceitos doutrinários. Nesse sentido, segundo Lukacs (1980), Hitler com seus colaboradores, levou toda Alemanha a acreditar em uma proposta de poder sobre todos os outros povos.

Em 1939, foi feito um esforço contínuo para dar uma nova localização aos Alemães de territórios conquistados, foi implantado este novo lugar, segundo Lukacs (1980), aos povos que viviam no sul e leste das fronteiras do Reich afirma que este movimento foi conseguido através de tratados e acordos secretos entre países que tinham por Hitler uma admiração ou inclinação de sua política externa.

De acordo com Lukacs (1980), houve tratados que foram assinados entre alemães e italianos em 1939, para ser mais exato, em 22 de outubro deste mesmo ano, que estipulava uma nova espécie de plebiscito residencial, pois de acordo com Lukacs (1980), este acerto fazia com que os habitantes destes territórios tivessem de declarar até o fim do ano de 1939 qual era o seu desejo: o de exercer o direito de opção para uma nova localização dentro do território do Reich, ou o de permanecer sobre a tutela da Itália.

Lukacs (1980), afirma que 75% dos 230.000 mil Tiroleses do Sul optaram pelo III *Reich* do Partido Nacional-Socialista, pois embora este processo de realocação tenha sido muito lento, uma boa parte dos povos de países de língua alemã optou por fazerem parte do *Reich* alemão. Segundo o autor, o povo de língua alemã já não gostava de viver sobre a tutela de um país estrangeiro e esse foi o caso dos Tiroleses do Sul, que por pertencerem em sua maioria de língua alemã proveniente do império Austro-Húngaro logo, segundo Lukacs (1980), Hitler procurou reaproximar de suas origens Germânicas.

Em consideração geral, os estados que tinham povos com a língua alemã muitas vezes estavam inclinados com a política de reunificação germânica proposta por Hitler, pois já tinha sido considerada outras vezes esta mesma proposta em governos imperialistas como a do chanceler Bismark, os países de língua alemã estariam entre a cruz e a espada, já que no país de suas origem falavam em uma língua estrangeira e assim eram vistos como tal, entretanto a

Alemanha estaria disposta a favorecer uma unificação territorial e racial para quem estivesse disposto a lutar por essa ideologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Visto nesse presente trabalho suas bases teóricas, atrevo-me á analisar, que a Geopolítica teve uma importante influência nas decisões seguidas pelo Estado Nazista de Adolf Hitler, posto que, o cenário conturbado da época, deu vasão às inúmeras propostas ideológicas no sentido nacionalista e imperialista, que foram arduamente exaltadas e estudadas pelos teóricos Clássicos com: Friedrich Ratzel, Rudolf Kjeller, Karl Haushofer, Machinder entre outro na historia.

A Geografia Política e a Geopolítica se fundiram em favor de um processo ideológico no qual estaria fundamentado a sua análise teórica de grande importância para as massas. Os interesses estatais como segurança, sobrevivência, poder e Hegemonia no âmbito internacional, estariam concentrados na dialética imperialista do líder Nazista Hitler.

As conflituosas tendências no cenário internacional vivida dentro da Europa, no período de 1919 a 1945 tiveram uma grande influencia na sociedade como todo, principalmente quanto a sua gloria perdida, de um povo outrora grandioso em conquistas que teve seu auge antigamente na Europa.

Também dentro da abordagem das teorias Geopolíticas para iluminar as questões, analisei os seus ancestrais que seria o Realismo Clássico, com seus pensadores: Maquiavel, e Hobbes que deram um reforço para uma melhor percepção dos eventos do estado, posto que suas bases estão no poder, no interesse, na busca pela hegemonia do estado, segurança, e expansão como pré-requisito do estado dominador.

Compreendo o estudo do expansionismo Alemão como um fenômeno comum, em um mundo complexo no qual se estabelece forças de extrema pulsão em um contexto Internacional, visando á busca pelas garantias de sobrevivência de um estado em ascensão, como foi o caso da Alemanha Nazista no período discutido.

Contudo de forma imparcial me reservei a abranger só as questões teóricas e não emocionais, pois uma vez feito poderia comprometer o estudo como todo, mas o trabalho se revela uma discursão em questões que se ampara no âmbito social e politico em um período da existência dos Estados Nações de grande relevância para humanidade.

As intenções dos Estados em conservar os seus direitos não rebatem as lógicas estabelecidas no jogo de xadrez, mas sim e uma reserva de puro interesse que ira sobrepujar qualquer acordo diplomático que fora proposto, mas se um desses for vantajoso uma revisão será feita para se maximizar seus ganhos.

Foi feita uma exaustiva análise bibliográfica de autores, de um determinado período político dentro da Europa pós- primeira guerra, no qual utilizou-se linhas de ideias raciais, étnicas e culturais dentro de um contexto político de extrema confusão na Europa do século 20 este período se dá entre 1919 a 1939. Nestes vinte anos estaria introduzido uma ideologia fundamentada em princípios raciais do modo científico explicativo, para ser legitimada pela sociedade civil e política internacional.

Os autores como Ratzel, Hauschofer, Maquichider, Kelljen, entre outros, forjaram uma gama de princípios, conceitos, ideias, métodos e, objetivos, que de uma forma bem elaborada, foram introduzidos nas mentes dos alemães e também dos seus inimigos, segundo as suas crenças germânicas.

Na Alemanha do pós-primeira guerra, surgiram novos pensamentos entre os homens da política de Weymar, entre esses novos pensamentos estava o nacionalismo, o antissemitismo, o patriotismo e outros sentimentos coletivos que buscavam saber de qual maneira poderia uma sociedade solucionar seus conflitos políticos e sociais, foi dentro dessa definição de novos sentimentos que foram forjadas ideias por pensadores históricos como Karl Hauschofer, que introduziu suas bases ideológicas e posteriormente colocadas nos alicerces do nazismo. Hauschofer elaboraria posteriormente sua teoria que explicaria como solucionar tais conflitos políticos e sociais dentro da Alemanha pós-guerra.

Esta teoria seria conhecida como Geopolítica, pois segundo o autor serviria como pano de fundo para as práticas políticas e bélicas do estado. Hauschofer foi procurar muito antes de ser um professor em Berlim, por perguntas que ele mesmo as perpetraria e obteve suas respostas no continente asiático, na América do Norte e central, pois estudando os costumes exaustivamente desses povos mencionados ele obteve as políticas adotadas para resolver questões fronteiriças, étnicas e também religiosas do Estado Alemão, arrasada pela I Guerra e pelo anseio da sociedade em busca da glória perdida dos seus antepassados, cairia como uma luva a sua teoria geoestratégia.

Glória perdida, sim, glória exaurida foi o assunto buscado por vários políticos que se auto intitulavam o salvador da pátria, mas só um tivera a ideia de colocar como princípio teórico e científico a questão da glória, buscando associar a retórica pulsante sobre as massas, combinando com jornais, livros e folhetos para iludir os pensamentos dos revoltados, desempregados e empresários descontentes com questões menos sociais e mais financeiras. Esse foi um cenário propenso para um ataque aos princípios internacionais, que de uma forma ou de outra não poderiam deter as emanções dessas forças ideológicas.

Os interesses particulares por conveniência também revelam sua máscara, pois Hitler percebia questões de extrema vulnerabilidade dentro do sistema internacional, como no caso das linhas fronteiriças do estado Alemão, que no tratado de Versalhes assinado em 1919 no pós-guerra, não foi bem debatidas e deixaram lacunas que possibilitaram ao partido Nazista entender como uma possível solução social, pois aumentando sua linha territorial o estado passaria de um mero país devastado pela guerra a um império continental que duraria mil anos. Hitler com seus arquitetos do mal introduziram as doutrinas raciais que idolatravam o povo alemão em toda sua plenitude, primeiro exaltando a glória do povo alemão com festivais, paradas militares, entre outras festividades que hipnotizavam tanto os alemães, como aos estrangeiros de passagem pelo país.

Nesse cenário repleto de imaginação, estava a verdadeira face e ideologia do partido Nazista de Adolf Hitler, pois seria a conquista do *Lebensraum* (Espaço Vital). Para os Nazistas na sua concepção os Estados que tivessem um só homem falando o idioma germânico, seriam anexados ao *Reich* o (Império), pois este pertencera à Alemanha. Nessa visão deturpada da realidade territorial, foi travado um grande esquema de doutrinação para legitimar as questões que viriam a ser introduzidas no estado.

Outrora alguns teóricos, como Darwin, Ratzel Kjéllen, de uma forma bem elaborada forjaram suas teorias de cunho imperialista, com toque bem nacionalista e sempre enaltecendo o povo Alemão, como os (Deuses) da terra. Nessa emanção de orgulho nacional, nasce o desejo de ser um povo, uma nação, um império. Forjados no calor de ideias, conceitos, teorias, homens como Hauschofer, também percebeu que a hora estava propensa e tratou de elaborar um conceito universal, no qual todos pudessem saber quais as ideias primordiais ao Estado estaria naquele instante sendo moldadas nas instrutoras do Estado Nazista.

Conceito de pan-regiões, como americana (EUA), Africana, Asiática, e Oceania, seria para ele o conceito que romperia com o poder milenar da força na Europa, da Grã Bretanha. O teórico Ratzel também daria sua contribuição constatando que a coesão territorial estaria com o intuito de consolidar a unidade nacional, ou seja, o povo da língua germânica estaria fadado a exercer o seu papel de império sobre a Europa, pois segundo sua teoria, a raça ariana seria superior às demais raças do mundo.

Hauschofer popularizou as ideias de Geopolítica passando para o papel e as introduzindo no âmbito acadêmico, pois o ideal seria alienar as estruturas de cima para baixo — observasse uma possível ligação com o Nazismo nesse período, embora muitos historiadores afirmassem que seria uma ligação conturbada, pois haveria divergência ideológica entre o geografo Hauschofer e o líder nazista Adolf Hither. Friedrich Ratzel fala

em boa parte do trabalho sobre geografia humana, conceito do *Lebensraum*, *Espaço Vital*, observa também sobre a emanção natural da sociedade para defesa e expansão do seu território, observação essa que levou paralelamente Hauschofer, seu mais fiel leitor, a seguir paralelamente estes preceitos e introduzir como temática de profunda teorização dentro do Estado Nazista, porem o caminho ao poder estava só começando, ou seja, ainda estava galgando seus primeiros passos para um futuro que na projeção errônea de Adolf Hitler seria o da conquista da Europa e do mundo.

No presente trabalho de graduação, como pré-requisito à colação de grau, houve inúmeras dificuldades, mas que não comprometeu a sua concretização. No tema expansão territorial, as questões inspiradas foram de suma importância para o trabalho na linha que trata das ações políticas e sociais e seus conflitos. As ideologias, teorizações sobre as raças, os poderes que podem ser de grande interesse tanto particular como estatal dentro de uma nação, foram objetos de estudo.

Devemos observar com grande atenção, estas questões de interesses tanto de segurança, sobrevivência e poder, pois seremos nós internacionalistas que iremos com precisão tratar de identificar as verdadeiras intenções dos atores internacionais em um campo geoestratégico, já que para pensar em um mundo globalizado sem fronteiras, teremos de analisar as antigas escrituras, quando os homens seguiam sem ambições, mas em algum momento, razões inexplicáveis fizeram ferozes e volúveis.

Nesse aspecto possamos mencionar um ator para estudos posteriores, Hitler, o homem que em sua insana vontade de poder ambicionou ser o dono do mundo, que para tanto lutou com todos, para obter: novas e antigas terras da Alemanha (como podemos observar estas conquistas por meios das fotografias de 1 a 20 listadas a seguir) e também conseguir recursos naturais e mão de obra escrava para este intento. Com isso podemos dizer que nada do que ele pregava ao povo Alemão era de justiça dos homens, e sim de uma loucura centralizada em verdades forjadas, só para ser justificada sua ambição aos olhos dos ignorantes.

Por fim, esperamos que no atual cenário internacional, fronteiras não sejam palco por disputas em uma escala mundial, pois o mundo precisa de paz, amor, solidariedade e entendimento.

Foi visto nesse trabalho que quando se gera uma crise social, política, e de cunho econômico, surgem “culpados” e ideias são emanadas em vários campos de estudos, e nesse cenário de incerteza o homem deixa de usar a razão para dar lugar às loucas facetas da emoção, e assim tudo o que foi criado vai ser destruído como no caso da Alemanha que

perdeu o que levou séculos para realizar, causando atrasos no desenvolvimento social e político.

Foto 1– Comício do Partido Nazista em Nuremberg no ano de 1943. Hitler subindo para a tribuna de orador.



Fonte: Coleção Folha – As Grandes Guerras Mundiais – As Origens da Segunda Guerra – vol. 9 – p.26 – Editora Carlton Books Ltda., São Paulo – 2014.

Foto 2: Tropas Alemãs atravessam o rio Remo em Colônia no ano 1936



Fonte: Coleção Folha – As Grandes Guerras Mundiais – As Origens da Segunda Guerra – vol. 9 – p.25 – Editora Carlton Books Ltda. São Paulo – 2014.

Foto 3: Invasão dos alemães na região da Renânia em 1936



Fonte: <http://consciencia-democrata.no.comunidades.net/como-comeca-uma-guerra-mundial-sinais>

Foto 4: Assinatura do Acordo de Munique em setembro de 1938



Fonte: Coleção Folha – As Grandes Guerras Mundiais – As Origens da Segunda Guerra – vol. 9 – p.33 – Editora Carlton Books Ltda. São Paulo – 2014.

Foto 5: Ocupação da Tchecoslováquia pela Hungria após Acordo de Munique em outubro de 1938



Fonte: Coleção Folha – As Grandes Guerras Mundiais – As Origens da Segunda Guerra – vol. 9 – p.36 – Editora Carlton Books Ltda. São Paulo – 2014.

Foto 6: Alemães derrubam os postos de fronteiras que separavam Alemanha da Tchecoslováquia em março de 1939



Fonte: Coleção Folha – As Grandes Guerras Mundiais – As Origens da Segunda Guerra – vol. 9 – p.33 – Editora Carlton Books Ltda. São Paulo – 2014.

Foto 7: Marcha da tropa alemã em Praga durante a ocupação de 15 de março de 1939



Fonte: Coleção Folha – As Grandes Guerras Mundiais – As Origens da Segunda Guerra – vol. 9 – p.38 – Editora Carlton Books Ltda. São Paulo – 2014.

Foto 8: Entrada das tropas alemãs em Praga em de 15 de março de 1939



Fonte: Mazower 2013 – O Império de Hitler: A Europa sob o Domínio Nazista – Editora Schawarcz S. A. – 1ª edição– São Paulo – Companhia das Letras.

Foto 9: Entrada das tropas alemãs em Praga em de 15 de março de 1939



Fonte: Mazower 2013 – O Império de Hitler: A Europa sob o Domínio Nazista – Editora Schawarcz S. A. – 1ª edição– São Paulo – Companhia das Letras.

Foto 10: Nascimento do Protetorado no castelo de Hradčany em Praga 16 de março de 1939



Fonte: Mazower 2013 – O Império de Hitler: A Europa sob o Domínio Nazista – Editora Schawarcz S. A. – 1ª edição– São Paulo – Companhia das Letras.

Foto 11: Avanço das Tropas alemãs nos primeiros dias de campanha nas estradas da Polônia em setembro de 1939



Fonte: Coleção 70º Aniversário da II Guerra Mundial – 1939-1945 – 1939 A Aleman Domina a Polônia – vol. 2 – p.07 – Editora: Abril Coleções. São Paulo – 2009

Foto 12: Retirada da Barreira da Fronteira Germano-Polonesa em setembro de 1939



Fonte: Coleção 70º Aniversário da II Guerra Mundial – 1939-1945 – 1939 A Alemanha Domina a Polônia – vol. 2 – ps.44 e 45 – Editora: Abril Coleções. São Paulo – 2009.

Foto 13: Visita de Hitler com seu Estado-Maior ao Front em setembro de 1939



Fonte: Coleção 70º Aniversário da II Guerra Mundial – 1939-1945 – 1939 A Alemanha Domina a Polônia – vol. 2 – p.84 – Editora: Abril Coleções. São Paulo – 2009.

Foto 14: Entrada de Hitler em Danzig em setembro de 1939



Fonte: Coleção 70º Aniversário da II Guerra Mundial – 1939-1945 – 1939 A Alemanha Domina a Polônia – vol. 2 – ps.10 e 11 – Editora: Abril Coleções. São Paulo – 2009.

Foto 15: Reunião de soldados alemães em uma praia da costa da Noruega após desembarque em 9 de abril de 1940



Fonte: Coleção Folha – As Grandes Guerras Mundiais – Blitzkrieg-A Guerra Relâmpago: Estratégia Alemã força a retirada dos Aliados – vol. 10 – p.16 – Editora Carlton Books Ltda. São Paulo – 2014.

Foto 16: Alemães cruzam uma cidade da Bélgica em maio de 1940



Fonte: Coleção Folha – As Grandes Guerras Mundiais – Blitzkrieg-A Guerra Relâmpago: Estratégia Alemã força a retirada dos Aliados – vol. 10 – p.26 – Editora Carlton Books Ltda. São Paulo – 2014.

Foto 17: Bombardeio em Roterdã em 14 de maio de 1940, apesar da solicitação das tropas de suspensão da operação por causa da eminente rendição da Holanda



Fonte: Coleção Folha – As Grandes Guerras Mundiais – Blitzkrieg-A Guerra Relâmpago: Estratégia Alemã força a retirada dos Aliados – vol. 10 – p.27 – Editora Carlton Books Ltda. São Paulo – 2014.

Foto 18: Desfile das Tropas Alemães em Paris em junho de 1940,



Fonte: Coleção Folha – As Grandes Guerras Mundiais – Blitzkrieg-A Guerra Relâmpago: Estratégia Alemã força a retirada dos Aliados – vol. 10 – p.27 – Editora Carlton Books Ltda. São Paulo – 2014.

Foto 19: Visita de Hitler a Paris em maio de 1940



Fonte: Lukacs – 1980 - A última Guerra Europeia: Setembro 1939 - Dezembro de 1941 - p. 07, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1980.

Foto 20: Visita de Hitler a Paris 14 de maio de 1940



*Fonte: Coleção Folha As Grandes Guerras
Mundiais – Blitzkrieg-A Guerra Relâmpago: Estratégia Alemã força a retirada dos Aliados
– vol. 10 – p.26 – Editora Carlton Books Ltda. São Paulo – 2014*

REFRÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

AZEVEDO, Aroldo. Geografia a serviço da política. In Boletim Paulista de Geografia. São Paulo, n. 21, out. 1955, p. 42-68

BESERRA, Maria Ione Faraco. Espaço e poder. Sequência: Estudos Jurídicos e Políticos, [S.l.],p.45-60,jan.1985.ISSN,2177-7055.Disponível

BESSA, António Marques & Dias, Carlos Manuel Mendes (2007 P-57). *O Salto*

BINIMELIS, Cecilia Quintana. Em Torno das Origens da Geopolítica Alemã. CENEGRI. Ano III, vol. 1, nº 5, Rio de Janeiro, julho/dezembro 2006.

BRAGA, Sandra Rodrigues. Sentos, Consensos e Dissensos: Itinerários Geopolíticos de Ratzel a Lacoste. Revista de Geopolítica, Ponta Grossa - PR, v. 2, nº 1, p. 146 – 163, jan./jun. 2011.

CASTRO, Tereza de, (1999 ps.35 e 116, Geopolítica– Princípios, Meios e Fins, Biblioteca do Exército Editora, Rio de Janeiro.)

CASTRO, Thales. Teoria das relações internacionais. Brasília: FUNAG, 2012.

CASTRO, Thales. Elementos de Política Internacional: Redefinições e Perspectiva. Editora Juruá, 1ª edição (2005), 4ª tiragem, p. 77-86, 2008.

CHAUPRADE, Aymeric. *Géopolitique: constantes et changements dans l’histoire*. Paris:Ellipses, 2001.

CHIAVENATO, Júlio J. Geopolítica, arma do fascismo. São Paulo, Editora Global, 1981.

DEROLLE Patricia Galves, Geografia: Geografia Política. Estudos para o CACD, Geografia. E-internacionalista (Comunidade criada por internacionalista para internacionalista). 17 de

julho de 2013. Disponível em: <http://e-internacionalista.com.br/2013/07/17/geografia-geografia-politica/>.

DOUGHERTY, James, & PFALTZGRAFF, Robert. *Contending Theories of International Relations*. New York, Longman, 1997.

FERNANDES, José Pedro Teixeira. *A Geopolítica Clássica Revisitada Nação Defesa*. Versão 2003. N.º 105 - 2.ª Série. p. 221-244.

Zur Theorie der Raumdarstellung, *Zeitschrift fur Geopolitik*, p.635-641, 1934.

JACOBSEN, Hans-Adolf Karl Haushofer: *Leben und Werk*. Tese da Universidade de Bonn, vol. I e II (p.512.), Harald Boldt, Bopard AM Rhein. 1979.

KJÉLLEN, Rudolf *Der Staat als Lebensform*, 4ª ed., Berlin 1924. 1917.

KISSINGER, Henry. *Diplomacy* (trad. port., 1996, *Diplomacia*), Lisboa: Gradiva. 3ª Edição. 2007.

LACOSTE, Y. *Geografia: isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra*. São Paulo: Papyrus, p. 24, 1988.

LEMONS, Thiago Tremonte de. *A Natureza da Guerra Moderna no Pensamento de Carl Von Clausewitz*. Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade. ANPUH/SP – UNESP-Franca. 06 a 10 de setembro de 2010. Cd-Rom

LOPES, António. *The Other Saxons: Imagens da Alemanha na Literatura Popular Eduardiana*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa, 1997.

LUKACS, John. *A última Guerra Europeia: Setembro 1939 - Dezembro de 1941*, cap. 8, editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1980.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*. São Paulo, Paz e Terra, Op. cit. p. 108, 1996.

MIYAMOTO, Shiguenoli. Geopolítica do Brasil: uma Leitura Introdutória, in *Marco*, Revista da Faculdade de São Marcos, São Paulo, n° 4 (IV), 7-26, 2º. semestre 1983.

MORAES, António Carlos Robert. Geografia Pequena História Crítica. São Paulo, Editora Hucitec, 1986.

MORAES, António Carlos Robert e COSTA, Wanderley Messias. Geografia Crítica, a Valorização do Espaço. São Paulo, 1984.

MORAES, A. C. R. Geografia: pequena história crítica. São Paulo, p.52-55, 1986.

NOVAES, André Reyes. Geopolítica e Imprensa: Richard Edes Harrison e o Papel *dos* Mapas Midiáticos na História da Geopolítica. III Simpósio Nacional de Geografia Política. Revista Geonorte, Edição Especial 3, V.7, N.1, p.131-146, 2013.

PALMA, Hugo. A Geopolítica de Ratzel, la Blache e Kjellen e o Eclodir da I Grande Guerra2006 Disponível em: http://database.jornaldefesa.pt/assuntos_diversos_ralacoes_internacionais/A%20Geopol20da%20I%20Grande%20Guerra.pdf.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. Manual do Candidato – Política Internacional. Brasília, FUNAG, 2012.

RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática, 1993.

RAGGI, Riccardo, MELLO Raphael & RICK Vinícius. A Influência da Teoria Ratzeliana na Adoção do Lebensraum pelo III Reich. FRAGMENTOS DE CULTURA, Goiânia, v. 18, n. 1/2, p. 153-168, jan./fev. 2008.

RODRIGUES, Ricardo Jorge da Silva. Dinâmicas Económicas e Política Externa Portuguesa nos Países não Lusófonos da SADC (1975-2002). Dissertação de Mestrado em: desenvolvimento e cooperação internacional. Universidade Técnica de Lisboa - Instituto Superior de Economia e Gestão. 2004.

RUEDA, Hector O. Gomez. Teoria y Doctrina de La Geopolítica. Buenos Aires, Editorial Astrea, 1977.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova. São Paulo, Editora Hucitec, 1983.

SODRÉ, Nelson Werneck. Introdução à Geografia. Terceira edição, ed. Vozes, p. 135, Rio de Janeiro, 1982.

STACKELBERG, R. A. Alemanha de Hitler: origens, interpretações e legados. Rio de Janeiro: Imago, 1999 -2000.

VIEIRA, Friederick Brum. O Tratado da Antártica: Perspectivas Territorialista e Internacionalista. Cadernos PROLAM/USP . Ano 5, vol. 2, 2006.

VESENTINI, José William. Novas Geopolíticas. Editora Contexto, 5ª Edição, 2ª reimpressão. 2013.